

Os capitães de Azamor e Mazagão (1513-1541)

Les capitaines d'Azemmour et de Mazagan (1513-1541)

RUI HENRIQUES, CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Na senda da política de conquistas no norte de África, encetada nos princípios da dinastia de Avis, de que resultou o domínio de Ceuta, Tânger, Alcácer Ceguer e Arzila, D. Manuel I renovou a iniciativa militar nessa região. Esse esforço que mobilizou parte da nobreza portuguesa consubstanciou-se na construção e conquista de várias praças na costa atlântica meridional do que é hoje o território de Marrocos, na faixa que vai do rio Suz, a sul, até ao rio Morbeia, a norte¹.

No início, para além das motivações políticas e religiosas, os portugueses buscavam nesse espaço cereais, produzidos nas regiões da Duquela e Enxovia², e mercadorias para o trato com os povos do Golfo da Guiné. Consistiam estas em artefactos em cobre e têxteis, os alquicés (el-Ksa), também designados por alagues (al-hayk), os lambeis (hambels), as aljaravias

Dans la foulée de la politique de la conquête de l'Afrique du Nord, amorcée au début de la dynastie d'Avis et dont le résultat fut la domination de Ceuta, de Tanger, d'el-Ksar es-Seghir et d'Asilah, D. Manuel I renouvella l'initiative militaire dans cette région. Cet effort, qui mobilisa une partie de la noblesse portugaise, fut concrétisé par la construction et la conquête de plusieurs places de la côte atlantique méridionale de ce qui est aujourd'hui le territoire du Maroc, sur la bande qui va du fleuve Sous, au sud, jusqu'au fleuve Oum er-Rbia au nord¹.

Au début, outre les motivations politiques et religieuses, les Portugais cherchaient des céréales dans cet espace, produits dans les régions des Doukkâla et Shâwiya², et des marchandises pour commercer avec

1. Sobre as conquistas portuguesas no sul de Marrocos veja-se: David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel», in Damião Peres (dir.), *História de Portugal*, Barcelos, Portucalense Editora, 1931, vol. III, pp. 453-544; David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, Lisboa, Teorema/Jornal DL, 1989, pp. 29-31 39-50; António Dias Farinha, *Os Portugueses em Marrocos*, Lisboa, Instituto Camões, 1999, pp. 28-40.

2. Na área compreendida entre os rios de Salé, a norte, e o Tensift, a sul. Cf. Vitorino Magalhães Godinho, «"As Guerras do Pão" em Marrocos», in *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Lisboa, Presença, 1999, vol. III, pp. 245-267. Em relação à região da Duquela, situada a sul da região da Enxovia e a norte da região do Suz, Duarte Pacheco Pereira escreveu que era uma terra de grande fertilidade em pão e carne. Um anónimo português, em 1596, descrevia-a como «um campo formoso e muito chão, sem árvores nem moita; para a parte de Safim corre vinte e cinco léguas. Por cima da terra há muitas pederneiras soltas, pequenas. É um campo de muito trigo, cevada, centeio, milho e de muitas criações de gado vacum, miúdo e camelos. É este campo muito povoado de alcaimas – isto é tendas e aduares. Há nele muita cavalaria, e dizem que debaixo da terra há muitas covas a que chamam cisternas, de água das invernadas e mais de 400 poços», citado por David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel»... cit., p. 484. Bernard Rosemberger tem a opinião de que a abundância cerealífera na região era irregular, o que não permitia um comércio estável, «Aspects du Commerce portugais avec le Maroc (XV-XVI siècle)», in Luís Filipe Thomaz (ed.), *Aquém e Além da Taprobana. Estudos Luso-Orientais à memória de Jean Aubin e Denys Lombard*, Lisboa, CHAM, 2002, p. 82; «Les Techniques de Conservation des Grains et Pouvoir dans le Maroc Pré Colonial», in M. Gast, Fr. Sigant, C. Beutler (eds.), *Les Techniques de Conservation des Grains a Long Terme*, III, 1, Paris CNRS, 1985, pp. 237-268.

1. Sur les conquêtes portugaises dans le sud du Maroc voir : David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel», in Damião Peres (dir.), *História de Portugal*, Barcelos, Portucalense Editora, 1931, vol. III, pp. 453-544 ; David Lopes, *A Expansão em Marrocos*, Lisbonne, Teorema/Jornal DL, 1989, pp. 29-31 39-50 ; António Dias Farinha, *Os Portugueses em Marrocos*, Lisbonne, Instituto Camões, 1999, pp. 28-40.

2. Dans le secteur compris entre les fleuves Bou Regreg, au nord, et Tensift au sud. Cf. Vitorino Magalhães Godinho, « "As Guerras do Pão" em Marrocos », in *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, Lisbonne, Presença, 1999, vol. III, pp. 245-267. Par rapport à la région de Doukkala, située au sud de la région de la Chaouia et au nord de la région du Sous, Duarte Pacheco Pereira écrit que c'était une terre de grande fertilité en pain et en viande. Un anonyme portugais, en 1596, la décrivait comme « [un beau champ avec beaucoup de terre, sans arbres ni buisson ; Safi se trouve à vingt-cinq lieues. Sur la terre il y a beaucoup de rochers détachés, petits. C'est un champ où il y a beaucoup de blé, d'orge, de seigle, de maïs et beaucoup d'élevage de bétail et de chameaux. Ce champ est très peuplé d'alcaimas – c'est-à-dire de tentes et de douars. On y trouve beaucoup de cavaleries, et ils disent que sous la terre il y a une grande quantité de cavités qu'ils appellent de citernes, d'eau des saisons d'hiver et plus de 400 puits] », cité par David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel»... cit., p. 484. Selon Bernard Rosemberger l'abondance céréalière dans la région était irrégulière, ce qui ne permettait pas un commerce stable, « Aspects du commerce portugais avec le Maroc (XV-XVI siècle) », in Luís Filipe Thomaz (éd.), *Aquém e Além da Taprobana. Estudos Luso-Orientais à memória de Jean Aubin e Denys Lombard*, Lisbonne, CHAM, 2002, p. 82 ; « Les Techniques de Conservation des Grains et Pouvoir dans le Maroc Pré Colonial », in M. Gast, Fr. Sigant, C. Beutler (eds.), *Les Techniques de Conservation des Grains à Long Terme*, III, 1, Paris CNRS, 1985, pp. 237-268.

(al-jalabiya ou el-djalabiya)³, comerciados pelo tráfico caravaneiro que unia há séculos o Norte de África à África subsariana, em troca de ouro, marfim e escravos⁴. Estes produtos, tendo-se enraizado como necessidades entre as populações do Golfo da Guiné, eram fundamentais para os portugueses se apropriarem, por via marítima, das apetecíveis riquezas que antes só eram captadas pelas caravanas muçulmanas.

Num contexto de crescente interesse por essas regiões do sul da Berbéria ocidental, em virtude dos contactos comerciais e pescarias que aí se desenvolviam e num clima de disputa com outros europeus, nomeadamente castelhanos⁵, os portugueses tomaram a ofensiva. João Lopes de Sequeira erigiu, por conta própria, em 1505, a posição acastelada de Santa Cruz do Cabo de Guér, na região do Suz, onde actualmente fica Agadir, posteriormente vendida ao monarca em 1513. Em 1506, D. Manuel mandou construir, mais a norte, a fortaleza de Mogador, junto onde é hoje Essaouira, abandonada em 1510. Em 1508, o monarca mandou erguer, entre Safim e Mogador, o castelo de Aguz, na foz do Tensift e, no mesmo ano, Diogo de Azambuja conquistava a cidade de Safim, no sul da Duquela⁶.

3. O termo el-ksa é do árabe clássico e al-hayk é um termo do árabe dialectal. Sobre algumas características destes têxteis veja-se Bernard Rosemberger, «Aspects du Commerce portugais avec le Maroc (XV-XVI siècle)»... cit., pp. 80-81.

4. Cf. Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. II, 1970, p. 150. Em relação ao comércio caravaneiro entre o espaço que é hoje Marrocos e a África subsariana veja-se Vitorino Magalhães Godinho, «A Tradição do Ouro e as Caravanas Saarianas», in *Os Descobrimentos...* cit., vol. I, pp. 70-74, 78-80.

5. No tratado das Alcáçovas, em 1479, tinha sido reconhecido o direito castelhano sobre as Canárias e o direito português sobre a Guiné, Cabo Verde, Açores e Madeira e conquista do reino de Fez. No entanto, no sul de Marrocos a disputa entre as duas monarquias ibéricas continuava, pois havia dúvidas quanto ao limite sul do reino de Fez e o limite norte da Guiné. Em 1494, no Tratado de Tordesilhas, ficou estabelecido o direito de Castela a Caçaça e Melilha e, em relação ao sul de Marrocos, ficou deliberado que se constituiria uma comissão luso-castelhana para estudar os limites, o que nunca veio a acontecer. Só em 1509, Portugal e Castela assinaram a Convenção de Sintra que esclareceu as dúvidas. Portugal cedeu as suas pretensões de conquista seis léguas para ocidente de Beles da Gomeira e ficou com o direito da conquista até aos Cabos Não e Bojador, com excepção do forte de Santa Cruz do Mar Pequeno que a Coroa castelhana pôde manter. Contudo, os castelhanos podiam continuar a pescar e atacar os muçulmanos nessa região. Cf. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel I*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1954, parte II, capítulo xxx; David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel»... cit., pp. 506-507.

6. Situado no sul da região da Duquela, Safim era um dos centros mais importantes do sul Marrocos. Parece que, desde D. Afonso V, esta cidade constituiu uma relação de vassalagem com a Coroa portuguesa. Um documento do reinado de D. João II, de 1488, referindo os tributos que Safim deveria pagar, confirma essa sujeição. Em 1508, a pretexto de ajudar um dos grupos que disputava o poder, Diogo de Azambuja tomou essa urbe a mando de D. Manuel. Nos seus arredores estabeleceu-se uma importante

les peuples du golfe de Guinée. Il s'agissait d'objets en cuivre et en textile, les el-Ksa (*alquicés*), également connus sous le nom d'al-hayk (*alques*), les hambels (*lambeis*), les al-jalabiya ou el-djalabiya (*aljaravias*)³, échangés par le commerce caravanier, qui unissait depuis des siècles l'Afrique du Nord à l'Afrique subsaharienne, contre de l'or, de l'ivoire et des esclaves⁴. Ces produits, devenus indispensables aux populations du golfe de Guinée, étaient essentiels pour que les Portugais s'approprient, par voie maritime, des richesses attractives qui auparavant étaient captées par les caravanes musulmanes.

Dans un contexte d'intérêt croissant pour ces régions du sud de la Berbérie occidentale, en raison des contacts commerciaux et de la pêche qui s'y déroulaient et dans un climat de conflit avec les autres Européens, à savoir les Castellans⁵, les Portugais ont pris l'offensive. João Lopes de Sequeira érigea, par ses propres moyens, en 1505, la position fortifiée de Santa Cruz cap Ghîr (le Cap de Gué), dans la région du Sous, actuellement Agadir, vendue ensuite au monarque en 1513. En 1506, D. Manuel fit construire, plus au nord, la forteresse de Mogador, près de l'actuelle Essaouira, abandonnée en 1510. En 1508, le monarque fit construire, entre Safi et Mogador, le château d'Agouz à l'embouchure du Tensift et, cette même année, Diogo de Azambuja conquiert la ville de Safi au sud de Doukkâla⁶.

3. Le terme el-ksa vient de l'arabe classique et al-hayk est un terme de l'arabe dialectal. Sur certaines caractéristiques de ces textiles voir Bernard Rosemberger, «Aspects du Commerce portugais avec le Maroc (XV-XVI siècle)»... cit., pp. 80-81.

4. Cf. Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos Inéditos para a História dos Portugueses em Azamor», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. II, 1970, p. 150. Par rapport au commerce caravanier entre l'espace que constitue aujourd'hui le Maroc et l'Afrique sub-saharienne voir Vitorino Magalhães Godinho, «A Tradição do Ouro e as Caravanas Saarianas», in *Os Descobrimentos...* cit., vol. I, pp. 70-74, 78-80.

5. Dans le traité des Alcáçovas, en 1479, le droit des Castellans sur les Canaries et le droit des Portugais sur la Guinée, le Cap-Vert, les Açores et Madère ainsi que la conquête du royaume de Fès avaient été reconnus. Toutefois, dans le sud du Maroc, la dispute entre les deux monarchies ibériques continuait, car il subsistait des doutes quant à la limite sud du royaume de Fès et la limite nord de la Guinée. En 1494, dans le traité de Tordesillas, le droit de la Castille sur Caçaça et Melilla fut établi, et en ce qui concerne le sud du Maroc, il fut également décidé qu'un comité luso-castillan serait constitué pour étudier les limites, mais cela n'arrivera jamais. Ce n'est qu'en 1509 que le Portugal et la Castille signeront la Convention de Sintra qui clarifiera les doutes. Le Portugal cédera ses prétentions de conquête six lieues à l'ouest de Beles da Gomeira et aura le droit de conquête jusqu'aux caps Noun et Bojador, à l'exception du fort de *Santa Cruz do Mar Pequeno*, que la Couronne castillane avait pu conserver. Cependant, les Castellans pourront continuer à pêcher et à attaquer les Musulmans dans cette région. Cf. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel I*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, 1954, partie II, chapitre xxx; David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel»... cit., pp. 506-507.

6. Située dans la région sud de la Doukkala, Safi était l'un des centres les plus importants du sud du Maroc. Cette ville entretenait, semble-t-il, depuis l'époque de D. Afonso V, une relation de

Azamor, situada no extremo oposto dessa província, na margem sul do rio Morbeia, era outra cidade fundamental para os interesses portugueses. Tinha um artesanato próspero, dominava uma região cerealífera e um mar de abundantes pescarias⁷. Ao fechar a fronteira setentrional da costa da Duqela esta cidade era um ponto estratégico para o controle da zona e para a penetração na província da Enxovia, a norte, cujo projecto de conquista D. Manuel acalentou até à derrota de Mamora, nas margens do Cebu, em 1515. Depois da malograda tentativa de conquista de Azamor em Agosto de 1508, comandada por D. João de Meneses⁸, D. Manuel ordenou a preparação de uma grande expedição sob o comando do seu sobrinho D. Jaime, duque de Bragança, na época o mais honrado fidalgo do Reino. Uma armada de quinhentas velas levando consigo cerca de treze mil peões e dois mil homens a cavalo⁹, fora a marinagem, fundeou a 27 de Agosto de 1513 em Mazagão, a cerca de quinze a dezasseis quilómetros a sul de Azamor. A acompanhar o duque ia um extenso séquito da fidalguia

comunidade de muçulmanos submetidos ao poder português, os denominados «mouros de pazos», liderada por Bentafufa, que durou até à sua morte, em 1518. Sobre esta personagem veja-se: Maria Augusta Lima Cruz, «Mouro para os cristãos e cristão para os mouros: o caso Bentafufa», *Anais de História de Além-Mar*, vol. III, Dezembro de 2002, pp. 39-63; Bernard Rosenberger, «Yahya U Ta'fuft (1506-1518). Des ambitions déçues», *Hespéris-Tamuda*, vol. XXXI, 1993, pp. 21-59; Mathew T. Racine, «Service and Honor in sixteenth-century portuguese North Africa: Yahya-u-Tafuft and portuguese noble culture», *The Sixteenth Century Journal*, n.º 32, 2001, pp. 67-90.

7. Na segunda metade do século XV é conhecida a presença de pescadores portugueses na zona. Damião de Góis referiu que esta cidade teria, na época da sua conquista, um rendimento anual de sete a oito mil cruzados, «somente das pescarias dos sáveis, cações, e outros peixes a que chamam tazartes que em levante tem a mesma valia dos atuns» (*Crónica de D. Manuel I...* cit., parte III, capítulo xlvii). Na obra *Descrição de África e das coisas notáveis que aí existem*, escrita no primeiro quartel do século XVI, Leão Africano, indicava que o rendimento destas pescarias era de seis a sete mil ducados», citado por Vitorino Magalhães Godinho, «A Pesca e o Sal», in *Os Descobrimentos...* cit., vol. IV, pp. 130-131.

8. Na retirada os portugueses perderam uma nau e outros barcos. Cf. Damião de Gois, *Crónica de D. Manuel I...* cit., parte II, capítulo xxvii. Sobre este fidalgo veja-se Teresa Lacerda, «D. João de Meneses, um retrato da nobreza portuguesa em Marrocos», in Maria Augusta Lima Cruz, Rui Manuel Loureiro (coord.), *Estudos de História Luso-Marroquina*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 117-140.

9. O grande número de cavalos, usados numa expedição tão longínqua além-mar, terá causado admiração na época. Sobre isso, Garcia de Resende escreveu na *Miscelânea*: «Ho Duque vimos chegar / A Azamor, logo tomalo, / vimos sobrelle leuar / mais de dous mil de cavallo / tantas legoas sobre mar: / non há nenhuma memoria / nem se secreveo em historia / de tantos cavallos yrem / sobre mar tam longe e virem, / e nam fallo da victoria». Garcia de Resende, «Miscelânea», in *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1973, p. 359. A peça teatral de Gil Vicente, *Exortação da Guerra*, escrita para celebrar o acontecimento, foi outra obra que enalteceu este feito militar no contexto da corte portuguesa. Cf. *Obras de Gil Vicente*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1965, pp. 195-216.

Situé à l'extrémité opposée de la province, sur la rive sud du fleuve Oum er-Rbia, Azemmour était un bourg clef pour les intérêts portugais. La ville avait un artisanat prospère, dominait une région céréalière et une mer poissonneuse⁷. En fermant la frontière septentrionale de la côte de Doukkâla, cette ville était un point stratégique pour le contrôle de la zone et pour la pénétration dans la province de Shâwiya, au nord, dont le projet de conquête a été encouragé par D. Manuel jusqu'à la défaite de Mamora sur les rives du Sebou, en 1515.

Après l'échec de la tentative de conquête d'Azemmour, en août 1508, commandée par D. João de Meneses⁸, D. Manuel ordonna la préparation d'une grande expédition sous le commandement de son neveu D. Jaime, duc de Bragança, à l'époque, le plus honorable gentilhomme du Portugal. Une flotte de cinq cents voiles, transportant environ treize mille piétons et deux mille hommes à cheval⁹, outre les matelots, a jeté l'ancre le 27 août 1513 à Mazagan, environ quinze à seize kilomètres au sud d'Azemmour. Le duc se fait accompagner d'un vaste entourage de

vassalité avec la couronne portugaise. Un document du règne du roi D. João II, de 1488, se référant aux impôts que Safi devait payer, confirme cette sujétion. En 1508, sous le prétexte d'aider l'un des groupes qui disputaient le pouvoir, Diogo de Azambuja prit cette ville sur les ordres de D. Manuel. Dans son voisinage s'établira alors une importante communauté de Musulmans soumis à la puissance portugaise, les dénommés « [Maures de paix] », dirigée par Yahya ben Tafut et qui durera jusqu'à sa mort, en 1518. Sur ce personnage, voir : Maria Augusta Lima Cruz, « Mouro para os cristãos e cristão para os mouros : o caso Bentafufa » *Anais de História de Além-Mar*, vol. III, décembre 2002, pp. 39-63; Bernard Rosenberger, « Yahya U Ta'fuft (1506-1518). Des ambitions déçues », *Hespéris-Tamuda*, vol. XXXI, 1993, pp. 21-59; Mathew T. Racine, « Service and Honor in sixteenth-century portuguese North Africa : Yahya-u-Tafuft and portuguese noble culture », *The Sixteenth Century Journal*, n.º 32, 2001, pp. 67-90.

7. Dans la seconde moitié du XV^e siècle, la présence de pêcheurs portugais dans la zone est connue. Damião de Góis a indiqué que cette ville aurait, au moment de sa conquête, un revenu annuel de sept à huit mille *cruzados*, « [seulement de la pêche des aloses, des émissoles, et d'autres poissons appelés *tazartes* qui en orient ont la même valeur des thons] » (*Crónica de D. Manuel I...* cit., partie III, chapitre xlvii). Dans l'œuvre *Description de l'Afrique et des choses remarquables qui s'y trouvent*, écrite dans le premier quart du XVI^e siècle, Léon, *l'Africain*, indiquait que le revenu de ces pêcheries « était de six à sept mille ducats », cité par Vitorino Magalhães Godinho, « A Pesca e o Sal », in *Os Descobrimentos...* cit., vol. IV, pp. 130-131.

8. En se retirant, les Portugais perdirent un bateau et d'autres navires. Cf. Damião de Gois, *Crónica de D. Manuel I...* cit., partie II, chapitre xxvii. Au sujet de ce noble voir Teresa Lacerda, « D. João de Meneses, um retrato da nobreza portuguesa em Marrocos », in Maria Augusta Lima Cruz, Rui Manuel Loureiro (coord.), *Estudos de História Luso-Marroquina*, Lagos, Câmara Municipal de Lagos, 2010, pp. 117-140.

9. Le grand nombre de chevaux, utilisés dans une expédition si lointaine outre-mer, aurait causé de l'admiration à l'époque. À ce propos, voir Garcia de Resende, « Miscelânea », in *Crónica de D. João II e Miscelânea*, Lisbonne, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1973, p. 359. La pièce de théâtre de Gil Vicente, *Exortação da Guerra*, écrite pour célébrer l'événement est un autre ouvrage qui exaltera cet exploit militaire dans le contexte de la cour portugaise. Cf. *Obras de Gil Vicente*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1965, pp. 195-216.

portuguesa. Nele seguia o primeiro capitão da praça, Rui Barreto, provavelmente nomeado para o ofício ainda no Reino, e outros que ocuparam mais tarde esse cargo¹⁰. A força militar desembarcada em Mazagão, depois de ter progredido por terra, entrou na cidade de Azamor na manhã do dia 3 de Setembro, abandonada pelas forças muçulmanas, após combates no dia anterior¹¹.

*

O objectivo deste trabalho é traçar uma breve análise do perfil social dos capitães de Azamor e de Mazagão, desde a conquista da primeira praça até ao seu abandono (1513-1541). O estudo conjunto destas duas praças tão próximas justifica-se pela simbiose que havia entre estas durante a presença portuguesa na região, na primeira metade do século XVI. Em virtude do assoreamento do rio Morbeia, Azamor, situada a cerca de dois a três quilómetros da barra, teve sempre dificuldades em ser acedida por barcos de maior porte. Estas circunstâncias condicionaram, em 1513, o desembarque da força militar em Mazagão. Referido por D. Jaime de Bragança como «o melhor porto do mundo»¹², acabou por ser o ancoradouro que Azamor carecia. Era aí que fundeavam os barcos de maior porte que faziam os sempre tão urgentes abastecimentos. Para defender essa posição foi construído uma fortaleza com o traçado dos irmãos Arruda,

10. Damião de Góis referiu uma extensa lista de nomes de nobres importantes que participaram nesse feito militar. Para além de Rui Barreto, que era na época *alcaide-mor* de Faro e *vedor da fazenda* do Algarve, destaque-se: D. João de Meneses, comandante da expedição de 1508, que ia como substituto do Duque e para ficar como capitão do campo da cidade, D. Álvaro de Noronha e João Soares que, mais tarde, foram capitães da cidade. Cf. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel I...* cit., parte III, capítulo xlvii.

11. O saque não terá sido o esperado, pois os moradores tinham levado o que puderam. Acharam-se cerca de vinte mil moios de trigo em silos, muitos sáveis escalados e oitenta peças de artilharia de vários calibres (cf. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel I...* cit., parte III, capítulos xlvii e xlviii). Perante a tomada de Azamor, os moradores de Almedina, a cerca de dezasseis léguas, e os moradores de Tite abandonaram as suas cidades com receio de um ataque português (cf. David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel»... cit., vol. III, pp. 514-516). Sobre a questão da conquista de Azamor veja-se Durval Pires de Lima, *Azamor: os Precedentes da Conquista e a Expedição de D. Jaime*, Lisboa, Imprensa Lucas, 1930. A tomada de Azamor, assim como a de Malaca, foram celebradas no Vaticano com missas e homilias. As conquistas portuguesas da época propiciaram um grande prestígio à Coroa portuguesa. Aos olhos do Papa, D. Manuel surgia como um dos três chefes de uma possível cruzada, ao lado do Imperador e do rei de França (cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I. 1469-1521. Um Príncipe do Renascimento*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p. 218).

12. Carta não datada de D. Jaime a D. Manuel I, publ. in António Baião (coord.), *Documentos do corpo cronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1925, pp. 57-59.

nobles portugais. Le groupe comprenait le premier capitaine de la place, Rui Barreto, probablement nommé quand il était encore au Royaume, et d'autres qui ont ensuite occupé ce poste¹⁰. La force militaire débarquée à Mazagan, après avoir progressée par voie de terre, est entrée dans la ville d'Azemmour le matin du 3 septembre, abandonnée par les forces musulmanes après les combats de la veille¹¹.

*

Le but de cet article est de présenter une brève analyse du profil social des capitaines d'Azemmour et de Mazagan, depuis la conquête de la première place jusqu'à son abandon (1513-1541). L'étude conjointe de ces deux places si proches est justifiée par la symbiose qui existait entre elles au cours de la présence portugaise dans la région, dans la première moitié du XVI^e siècle. En raison de l'envasement du fleuve Oum er-Rbia, Azemmour, située à quelques deux ou trois kilomètres de la barre, fut toujours difficile d'accès pour les bateaux de plus grande portée. En 1513, ces circonstances conditionnèrent le débarquement de la force militaire de Mazagan. Mentionné par D. Jaime de Bragança, comme «le meilleur port au monde»¹², il finirait par être l'ancrage qui manquait à Azemmour. C'est là que s'ancraient les plus grands bateaux qui effectuaient toujours les si pressants approvisionnements. Pour défendre cette position, une forteresse, commencée vers la fin du mois de mai et terminée

10. Damião de Góis mentionna une longue liste de noms de nobles importants qui participèrent à ce fait militaire. En plus de Rui Barreto, qui était à l'époque *alcaide-mor* de Faro et *vedor da fazenda* [fonctionnaire auquel il incombait d'administrer le patrimoine royal et le trésor public] de l'Algarve, on souligne : D. João de Meneses, commandant de l'expédition de 1508, qui s'y rendait en tant que substitut du duc et pour y rester en tant que capitaine de camp de la ville, D. Álvaro de Noronha et João Soares, qui, plus tard, deviendraient capitaines de la ville. Cf. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel I...* cit., partie III, chap xlvii.

11. Le pillage ne fut pas celui espéré, car les habitants avaient pris ce qu'ils avaient pu. Ils y trouvèrent environ vingt mille muids de blé dans des silos, beaucoup d'aloses desséchées et quatre-vingts pièces d'artillerie de divers calibres (cf. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel I...* cit., partie III, chap xlvii et xlviii). Face à la prise d'Azemmour, les habitants d'Almedina, située à environ seize lieues, et les habitants de Tite, abandonnèrent leurs villes craignant une attaque portugaise (cf. David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel»... cit., vol. III, pp. 514-516). Sur la question de la conquête d'Azemmour voir Durval Pires de Lima, *Azamor: os Precedentes da Conquista e a Expedição de D. Jaime*, Lisbonne, Imprensa Lucas, 1930. La prise d'Azemmour, ainsi que celle de Malacca, furent célébrées au Vatican avec des messes et des homélies. Les conquêtes portugaises de l'époque permirent à la couronne portugaise de jouir d'un grand prestige. Aux yeux du Pape, D. Manuel apparaissait comme l'un des trois chefs d'une éventuelle croisade, au côté de l'Empereur et du roi de France (cf. João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I. 1469-1521. Um Príncipe do Renascimento*, Lisbonne, Círculo de Leitores, 2005, p. 218).

12. Lettre non datée de D. Jaime à D. Manuel I publiée in António Baião (coord.), *Documentos do corpo cronológico relativos a Marrocos (1488 a 1514)*, Lisbonne, Academia das Ciências de Lisboa, 1925, pp. 57-59.

que terá sido começada por volta dos fins de Maio e terminada em Agosto de 1514¹³. Deste modo, Mazagão foi até ao abandono de Azamor uma fortaleza de segunda ordem, satélite desta última. Mas se Mazagão nasceu sujeita, o tempo encarregar-se-ia de lhe dar outra função. Quando os portugueses saíram de Azamor, Mazagão engrandeceu-se com vastas obras de melhoramento, tornando-se a única praça portuguesa no sul de Marrocos, tendo sido somente abandonada em 1769¹⁴.

Partindo da premissa que para entendermos o percurso social de um indivíduo é fundamental avaliarmos a sociedade em que se insere e o espaço que ocupa na sua hierarquia, foi necessário localizar estes indivíduos na pirâmide social do seu tempo¹⁵. Para tal levantaram-se as seguintes questões: qual era o seu estatuto nobiliárquico? Tinham ligações a *alcaldes-mores*? Tinham ligações ao Palácio e a titulares?

No presente artigo também se procurou averiguar em que condições os capitães chegaram ao governo da praça e se um indivíduo nomeado pelo Rei tinha um perfil social superior ao dos capitães interinos, escolhidos para o cargo não por vontade do monarca, mas pelas «circunstâncias». Assim como, sabendo-se que o Algarve ocupou um lugar central na história da presença portuguesa em Marrocos, investigou-se qual a relação dos capitães com essa região.

*

Em Azamor foram detectadas treze capitánias ocupadas por doze capitães, uma vez que António Leite teve duas comissões nessa cidade: uma curta capitania

13. António Baião (coord.), *Documentos do corpo cronológico...* cit., pp. 75-78. Um alvará régio de 6 de Julho ordenava que o almoxarife de Azamor entregasse ao vedor da obra, Vasco Pina, entre mil a dois mil cruzados em ouro para a despesa da construção (cf. David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel»... cit., p. 531). Esta fortaleza tinha sido antecedida por uma tentativa de construção de um fortim por Jorge de Melo, que para o efeito tinha pedido, em 1505, autorização a D. Manuel, que lhe concedeu, dando-lhe também a capitania de juro e herdade para todo o sempre em 1506 (cf. David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel»... cit., p. 530). Jorge de Melo que foi *anadel-mor* dos besteiros acabou por morrer em 1506 a defender este fortim quando ainda estava em construção (cf. João Paulo Oliveira e Costa e Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaldes – 1514. No Apogeu da presença portuguesa em Marrocos*, Lisboa, Tribuna da História, 2007, p. 38). Devido a estas circunstâncias o primeiro capitão de Mazagão foi Martim Afonso de Melo, filho de Jorge de Melo.

14. Sobre a História de Mazagão veja-se: Augusto Ferreira do Amaral, *História de Mazagão*, Lisboa, Publicações Alfa, 1989.

15. Sobre a ordem social da nobreza veja-se: João Cordeiro Pereira, «A estrutura social e o seu devir», in *Nova História de Portugal*, Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.), vol. V, *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, João José Alves Dias (coord.), Lisboa, Editorial Presença, 1998, pp. 277-283.

au mois d'août 1514¹³, fut construite avec le tracé des frères Arruda. Mazagan fut de cette façon, jusqu'à l'abandon d'Azemmour, une forteresse de deuxième ordre, un satellite de cette dernière. Mais si Mazagan est née soumise, le temps se chargerait de lui donner une autre fonction. Lorsque les Portugais sortirent d'Azemmour, Mazagan s'amplifia grâce à de vastes travaux d'amélioration, devenant ainsi l'unique place portugaise dans le sud du Maroc, qui ne sera abandonnée qu'en 1769¹⁴.

À partir de la prémisses selon laquelle pour comprendre le parcours social d'un individu il est essentiel d'évaluer la société dans laquelle il s'insère et l'espace qu'il occupe dans sa hiérarchie, il nous a fallu localiser ces individus dans la pyramide sociale de leur temps¹⁵. À cette fin, les questions ci-après furent soulevées : quel était leur statut nobiliaire ? Entretien-ils des rapports avec les *alcaldes-mores* [gouverneurs d'une forteresse] ? Avaient-ils des liens avec le palais et avec des titulaires ?

Cet article a également cherché à établir les conditions dans lesquelles les capitaines sont arrivés à la gouvernance de la place et à vérifier si un individu nommé par le roi avait un profil social plus élevé que celui des capitaines provisoires, choisis pour le poste, non par la volonté du monarque, mais par la force des « circonstances ». Et, sachant que l'Algarve a occupé une place centrale dans l'histoire de la présence portugaise au Maroc, nous avons cherché à comprendre quelle était la relation des capitaines avec cette région.

*

Il existait, d'après nos recherches, treize capitaineries à Azemmour, occupées par douze capitaines, vu qu'António Leite eut deux missions dans cette ville : une courte capitainerie entre 1529-1530, qui aurait

13. António Baião (coord.), *Documentos do corpo cronológico...* cit., pp. 75-78. Une charte royale du 6 juillet ordonnait à l'*almoxarife* d'Azemmour de remettre à l'intendant de l'ouvrage, Vasco Pina, entre mille à deux mille *cruzados* en or pour les frais de construction (cf. David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel»... cit., p. 531). Cette forteresse avait été précédée d'une tentative de construction d'un fort par Jorge de Melo qui, à cet effet, avait demandé en 1505 l'autorisation à D. Manuel, qui la lui accorda, et lui donna également la capitainerie en intérêt et domaine pour toujours, en 1506 (cf. David Lopes, «Os Portugueses em Marrocos no Tempo de D. Manuel»... cit., p. 530). Jorge de Melo fut *anadel-mor* des arbalétriers et mourut en 1506 alors qu'il défendait ce fort encore en construction (cf. João Paulo Oliveira e Costa e Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaldes – 1514. No Apogeu da presença portuguesa em Marrocos*, Lisbonne, Tribuna da História, 2007, p. 38). En raison de ces circonstances, le premier capitaine de Mazagan fut Martim Afonso de Melo, fils de Jorge de Melo.

14. Sur l'histoire de Mazagan voir : Augusto Ferreira do Amaral, *História de Mazagão*, Lisbonne, Publicações Alfa, 1989.

15. Sur l'hiérarchie de la noblesse voir João Cordeiro Pereira, «A estrutura social e o seu devir», in *Nova História de Portugal*, Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques (dir.), vol. V, *Portugal do Renascimento à Crise Dinástica*, João José Alves Dias (coord.), Lisbonne, Editorial Presença, 1998, pp. 277-283.

entre 1529-1530, que terá tido um carácter provisório e da qual não se encontrou documento de nomeação formal; e outra que se prolongou de 1537 até 1541. No entanto, o capitão que ocupou o cargo durante mais tempo foi D. Álvaro de Noronha, de 1518 a 1525¹⁶. Em Mazagão identificaram-se cinco capitânias, mas foram contados apenas quatro capitães. Também no caso desta praça somente António Leite parece ter sido reincidente. Sabe-se que esteve com a responsabilidade do governo de Mazagão desde 1516, mas só foi nomeado oficialmente em 1520, mantendo-se aí até 1529¹⁷. A sua segunda capitania registou-se em 1537, por um período muito breve, antes de ser investido em Azamor¹⁸.

Em relação a esta praça não existem referências a capitães em vários períodos. A ausência desta informação poderá ser um indício de que os governadores de Azamor, por vezes, tutelavam essa capitania e que muitos dos seus responsáveis não tinham uma nomeação oficial, tal como aconteceu com António Leite até 1520¹⁹. Isto vai ao encontro da ideia de uma relativa subalternização de Mazagão a Azamor na época em questão.

No panorama das capitânias observadas verifica-se que António Leite foi o capitão com ligações mais profundas e estáveis às duas praças. Este indivíduo foi introduzido nesse espaço em finais de 1513, quando nomeado contador de Azamor, Mazagão e Tite e

eu un caractère provisoire et dont aucun document, concernant une nomination formelle, n'a été trouvé; et une autre qui aurait duré de 1537 à 1541. Toutefois, le commandant qui occupa le poste le plus longtemps fut D. Álvaro de Noronha, de 1518 à 1525¹⁶.

Cinq capitaineries ont été identifiées à Mazagan, mais seuls quatre capitaines y ont été comptés. Toujours dans cette place, seule António Leite semble y avoir été à deux reprises. On sait qu'il fut chargé de la gouvernance de Mazagan depuis 1516, mais qu'il ne fut nommé officiellement qu'en 1520, s'y maintenant jusqu'en 1529¹⁷. Sa deuxième capitainerie fut enregistrée en 1537, pour une très brève période, avant d'être investi à Azemmour¹⁸.

Concernant cette place, plusieurs époques ne font aucune référence à des capitaines. Ce manque d'information peut être dû au fait que les gouverneurs d'Azemmour commandaient parfois cette capitainerie et que nombre de ses dirigeants n'avaient pas une nomination officielle, comme António Leite jusqu'en 1520¹⁹. Cela va dans le sens d'une subalternisation de Mazagan à Azemmour à l'époque en question.

Dans le panorama des capitaineries observées, on constate qu'António Leite fut le capitaine à avoir tissé des relations plus profondes et stables avec les deux places. Cet individu fut introduit dans cette place à la fin de 1513, lorsqu'il fut nommé *contador* [intendant-général de la solde] d'Azemmour, Mazagan et Tite et resta dans la région pendant une grande partie

16. Veja-se o quadro I sobre as nomeações dos capitães de Azamor.

17. De 1516 até 1520, quando foi nomeado capitão de mazagania por carta régia, António Leite era também contador de Azamor e Mazagão, para além de responsável pela capitania de Mazagão. Cf. Rui Henriques «*Quão grande trabalho é viver*». *António Leite – circuitos da nobreza portuguesa no sul de Marrocos (1513-1549)*, Lisboa, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2012, pp. 77-89.

18. Veja-se o quadro II sobre as nomeações dos capitães de Mazagão. No contexto da sua substituição em Azamor, em 1541, António Leite, em carta de 14 de Abril, invocou ao rei que a capitania de Mazagão lhe pertencia por carta de D. Manuel. Fica a dúvida se não seria uma mercê na vagante dos providos (cf. carta ao rei, de 14 de Abril de 1541, publ. in Frei Luís de Sousa, *Anais de D. João III*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1951-1954, parte II, livro I, capítulo XIV). Em substituição da capitania de Mazagão, este capitão recebeu a alcaidaria-mor de Santo António de Arenilha, junto à foz do Guadiana, que pertencia à Ordem de Cristo. No documento desta doação é também referido que António Leite detinha antes o direito à capitania de Mazagão, por carta da chancelaria de D. João III, provavelmente uma confirmação da anterior carta de D. Manuel I (ANTT, *Chancelaria da Ordem de Cristo*, livro 13, fólhos 375v-379v, publ. in Hugo Cavaco, *Revisitando Santo António de Arenilha*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Santo António, 1995, pp 16 e 36-37). Ver Rui Henriques, «*Quão grande trabalho é viver!*»... cit., pp. 114-115, 121-127.

19. Antes da sua nomeação régia como capitão de Mazagão, António Leite estava muito dependente do capitão de Azamor. Quando recebeu o cargo oficialmente entrou em choque com o poder desta cidade, ao afirmar a sua autonomia. Cf. Rui Henriques, «*Quão grande trabalho é viver!*»... cit., pp. 77-94.

16. Voir le tableau I sur les nominations des capitaines d'Azemmour.

17. De 1516 à 1520, quand il fut nommé capitaine de Mazagan par charte royale, António, Leite outre sa responsabilité concernant la capitainerie d'Azemmour, était également *contador* d'Azemmour et de Mazagan. Cf. Rui Henriques «*Quão grande trabalho é viver*». *António Leite – circuitos da nobreza portuguesa no sul de Marrocos (1513-1549)*, Lisbonne, mémoire de master présentée à la Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de la Universidade Nova de Lisboa, 2012, pp. 77-89.

18. Voir le tableau II sur les nominations des capitaines de Mazagan. Dans le cadre de son remplacement à Azemmour en 1541 António Leite, dans une lettre datée du 14 avril, rappela au roi que la capitainerie de Mazagan lui appartenait par lettre du roi D. Manuel. La question est de savoir s'il ne s'agissait pas là d'une grâce destinée à pourvoir une place vacante (cf. lettre au roi, du 14 avril 1541, publ. in Frei Luís de Sousa, *Anais de D. João III*, Lisbonne, Livraria Sá da Costa, 1951-1954, partie II, livre I, chap XIV). À la place de la capitainerie de Mazagan, ce capitaine reçut l'*alcaidaria mor* de Santo António d'Arenilha, près de l'embouchure du fleuve Guadiana, qui appartenait à l'Ordre du Christ. Dans le document de cette donation, il est également signalé qu'António Leite détenait auparavant le droit à la capitainerie de Mazagan, par lettre de la chancellerie du roi João III, probablement une confirmation de la lettre précédente de D. Manuel I. (cf. ANTT, *Chancelaria da Ordem de Cristo*, livre 13, folios 375v-379v, publ. in Hugo Cavaco, *Revisitando Santo António de Arenilha*, Vila Real de Santo António, Câmara Municipal de Santo António, 1995, pp 16 et 36-37). Voir Rui Henriques, «*Quão grande trabalho é viver!*»... cit., pp. 114-115, 121-127.

19. Avant sa nomination royale comme capitaine de Mazagan, António Leite dépendait beaucoup du capitaine d'Azemmour. Lorsqu'il reçut officiellement cette fonction, il entra en conflit avec le pouvoir de cette ville, lorsqu'il affirma son autonomie. Cf. Rui Henriques, «*Quão grande trabalho é viver!*»... cit., pp. 77-94.

esteve na região grande parte do seu tempo, até ao final de 1541, quando Azamor foi abandonada.

Com base na documentação recolhida concluiu-se que a maioria dos capitães de Azamor eram fidalgos da Casa Real. Dos doze capitães detectados só se tem certeza que um deles, Lançarote de Freitas, não pertencia à fidalguia²⁰, desconhecendo-se o estatuto de Jorge Viegas²¹. António Leite na segunda capitania que assumiu nesta praça já possuía este foro, mas para a primeira existem dúvidas. Observou-se também que, com excepção de Gonçalo Mendes Sacoto e António Leite, que ascenderam à fidalguia a partir do foro de cavaleiro, todos os outros eram fidalgos de geração²².

Em relação a Mazagão, no período estudado, constatou-se que o estatuto social dos seus capitães era inferior aos dos seus congéneres de Azamor. António Leite, na primeira vez que ocupou este cargo, era cavaleiro da Casa Real, no entanto, na segunda comissão provavelmente já era fidalgo. Manuel de Sande era cavaleiro, mas ascendeu à fidalguia em data indeterminada. Quanto a João Gomes não foram encontradas informações sobre o seu estatuto, mas, uma vez que foi almoxarife desta praça, tudo aponta para que o seu foro não fosse além do de cavaleiro. Assim, apenas Martim Afonso de Melo, que aí esteve como primeiro capitão, era fidalgo por transmissão familiar. Este homem pertencia a uma das mais prestigiadas famílias portuguesas do século XV²³. O panorama social dos capitães de Mazagão, caracterizado por um estatuto nobiliárquico mais baixo em relação aos seus homólogos de Azamor, vai ao encontro da ideia da secundarização de Mazagão²⁴. Reforçando esta última impressão, apurou-se que dos doze capitães de Azamor seis, ou seja, metade, pertenciam ao Conselho Régio²⁵.

20. Lançarote de Freitas era cavaleiro da Casa Real.

21. Através do estudo genealógico de Jorge Viegas deduz-se que este pertenceria à fidalguia, porém não foi encontrada nenhum documento que o comprovasse. Veja-se o quadro III sobre o estatuto dos capitães de Azamor.

22. Veja-se o quadro III sobre o estatuto dos capitães de Azamor.

23. Como atrás foi referido, a sua nomeação para Mazagão foi uma singularidade, que se deveu ao seu pai, Jorge de Melo, ter recebido essa capitania de juro e herdade para todo o sempre, em 1506, quando tentava construir aí um forte. Em Agosto de 1514, Martim Afonso de Melo foi nomeado capitão de Mazagão (cf. carta de D. Manuel I para António Leite notificando-o da nomeação de Martim Afonso de Melo, como capitão de fortaleza de Mazagan, feita a 10 de Agosto de 1514, ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 15, fólio 118-118v). No sul de Marrocos apenas a capitania de Aguz foi também concedida de juro e herdade, a Diogo de Azambuja em 1510. Essa doação foi-lhe depois retirada mediante compensação. Na região do norte de Marrocos a Coroa concedeu mais frequentemente este tipo de mercê, a figuras maiores do Reino.

24. Veja-se o quadro IV sobre o estatuto dos capitães de Mazagão.

25. Veja-se o quadro III sobre o estatuto dos capitães de Azamor.

de son temps, jusqu'à la fin de l'année 1541, lorsque Azemmour fut abandonnée.

À partir de la documentation recueillie, nous avons conclu que la plupart des capitaines d'Azemmour étaient des *fidalgos* da Casa Real [statut de noblesse de la Maison royale]. Des douze capitaines repérés, la seule certitude est que l'un d'entre eux, Lançarote de Freitas, n'appartenait pas à la *fidalguia*²⁰, nous ignorons quel était le statut de Jorge Viegas²¹. Dans la seconde capitainerie qu'il a assumée dans cette place, António Leite possédait déjà ce statut, mais des doutes persistent sur la première. Nous avons également observé qu'à l'exception de Gonçalo Mendes Sacoto et d'António Leite, qui avant d'avoir accès au statut de *fidalgo* étaient *cavaleiros* [chevaliers], tous les autres étaient des *fidalgos* de génération²².

Par rapport à Mazagan, au cours de la période étudiée, nous avons constaté que le statut social de ses capitaines était inférieur à celui de ses congénères d'Azemmour. Lorsqu'il occupa ce poste pour la première fois, António Leite était chevalier de la Maison royale, cependant, lors de sa deuxième mission, il était déjà probablement *fidalgo*. Manuel de Sande était chevalier, mais devint *fidalgo* à une date indéterminée. Quant à João Gomes aucune information sur son statut n'a été trouvée, mais étant donné qu'il fut *almoxarife* de cette place, tout indique que son statut ne dépasserait pas celui de chevalier. Ainsi, seul Martim Afonso de Melo, qui y vécut comme premier capitaine, était *fidalgo* par transmission familiale. Cet homme appartenait à l'une des plus prestigieuses familles portugaises du XV^e siècle²³. Le panorama social des capitaines de Mazagan, caractérisé par un statut nobiliaire plus bas par rapport à leurs homologues d'Azemmour, va dans le sens d'une secondarisation de Mazagan²⁴. Cette dernière impression est renforcée par le fait, comme il a été constaté, que des douze capitaines d'Azemmour six, autrement dit la

20. Lançarote de Freitas était chevalier de la Maison royale.

21. À travers l'étude généalogique de Jorge Viegas, on en déduit qu'il appartiendrait à la *fidalguia*, cependant aucun document n'a été trouvé qui puisse le prouver. Voir le tableau III sur le statut des capitaines d'Azemmour.

22. Voir le tableau III sur le statut des capitaines d'Azemmour.

23. Comme mentionné plus haut, sa nomination à Mazagan fut une singularité qui est due au fait que son père, Jorge de Melo, avait reçu cette capitainerie par droit héréditaire pour toujours, en 1506, alors qu'il tentait d'y construire un fort. En août 1514, Martim Afonso de Melo fut nommé capitaine de Mazagan (cf. lettre de D. Manuel I à António Leite le notifiant de la nomination de Martim Afonso de Melo, comme capitaine de la forteresse de Mazagan, faite en date du 10 août 1514, ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 15, folio 118-118v). Dans le sud du Maroc, seule la capitainerie d'Agouz fut également concédée par droit héréditaire, à Diogo de Azambuja, en 1510. Cette donation lui fut retirée par la suite moyennant une compensation. Dans la région du nord du Maroc, la Couronne concéda plus souvent ce genre de grâce aux plus grandes figures du Royaume.

24. Voir le tableau IV sur le statut des capitaines de Mazagan.

No caso de Mazagão, apenas Martim Afonso de Melo possuía esta dignidade²⁶.

No Antigo Regime a posição social das pessoas dependia, à partida, do estatuto do seu grupo familiar²⁷. Assim, a análise social dos capitães de Azamor e Mazagão só estaria completa com o estudo mais atento das suas genealogias. Para deslindar esta problemática investigaram-se as ligações de parentesco com os *alcaldes-mores*, com indivíduos com cargos palatinos e com as famílias titulares. Estas categorias permitem não só definir vários níveis de estatuto, como diferentes capacidades de diálogo com a Coroa. Numa época em que a monarquia tendia a controlar socialmente a nobreza, através do monopólio da distribuição dos recursos que asseguravam esse estatuto, os vínculos que os elementos deste grupo tinham com o poder régio eram determinantes para o seu percurso social. Desta lógica resultava uma certa equivalência entre proximidade ao rei e qualidade do estatuto social.

Os *alcaldes-mores* exerciam o poder militar, administrativo e judicial como representantes régios nos lugares para onde eram nomeados. Desde logo, estes cargos eram concedidos a sujeitos que, directa ou indirectamente, comunicavam com a Coroa. Apesar da sua essência local, estes ofícios permitiam uma considerável capacidade de interlocução com o poder régio, o que podia constituir uma vantagem para os seus trajectos sociais e dos seus parentes.

A partir da investigação desenvolvida apurou-se que oito dos doze capitães de Azamor tinham ligações a *alcaldes-mores*. António Leite foi o único capitão que ocupou o cargo, com carta de nomeação e sem feição provisória (no seu segundo mandato), não tendo conexões familiares com *alcaldes-mores*. Também

moitié, appartenaient au Conseil royal²⁵. Dans le cas de Mazagan, seul Martim Afonso de Melo avait cette dignité²⁶.

Dans l'ancien régime, la position sociale de tout un chacun dépendait, à priori, du statut de son groupe familial²⁷. Ainsi, l'analyse sociale des capitaines d'Azemmour et de Mazagan ne serait complète qu'avec une étude plus attentive de leur généalogie. Pour résoudre cette problématique, les liens de parenté avec des *alcaldes-mores*, avec des personnes exerçant des fonctions au palais et avec les familles titulaires ont fait l'objet d'une investigation. Ces catégories permettent non seulement de définir plusieurs niveaux de statut, mais aussi différentes capacités de dialogue avec la Couronne. À une époque où la monarchie tendait à contrôler socialement la noblesse, à travers le monopole de la distribution des ressources qui assuraient ce statut, les liens entretenus par les éléments de ce groupe avec le pouvoir royal étaient déterminants pour leur parcours social. De cette logique résultait une certaine équivalence entre proximité au roi et qualité du statut social.

Les *alcaldes-mores* exerçaient le pouvoir militaire, administratif et judiciaire en tant que représentants du roi dans les places où ils étaient nommés. Depuis lors, ces fonctions furent accordées à des sujets qui, directement ou indirectement, communiquaient avec la Couronne. Malgré leur essence locale, ces métiers permettaient une grande capacité d'interlocution avec le pouvoir royal, ce qui pouvait constituer un avantage pour leurs parcours sociaux et pour ceux de leurs parents.

À partir de la recherche développée, il a été établi que huit des douze capitaines d'Azemmour avaient des liens avec des *alcaldes-mores*. António Leite fut le seul capitaine à occuper ce poste avec une lettre de nomination et sans caractère provisoire (dans son second

26. Veja-se o quadro IV sobre o estatuto dos capitães de Mazagão.

27. Sobre a questão do peso do grupo familiar na trajectória social do indivíduo veja-se António Manuel Hespanha, «Carne de uma só Carne. Para uma Compreensão dos Fundamentos Histórico-Antropológicos da Família na Época Moderna», in *Análise Social*, vol. XXVIII, n.º 123-124, 1993, pp. 957-958. Sobre a família na Idade Moderna vejam-se também as seguintes obras: António Manuel Hespanha «A família», in *História de Portugal Moderno, político e institucional*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, pp. 99-119; Nuno G. Monteiro, «Os sistemas familiares», in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, IV vol., António Manuel Hespanha (coord.), *O Antigo Regime (1620-1807)*, Lisboa, Círculo dos Leitores, 1993, pp. 279-282; James Casey, *História da Família*, Lisboa, Teorema, [1991]; Jean-Louis Flandrin, *Famílias, parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*, Lisboa, Editorial Estampa, 1995; André Burguière, Christiane Klapisch-Zuber, Martine Segalen, Françoise Zanabend (dir.), *História da Família*, 3º vol., *O Choque das Modernidades: Ásia, África, América, Europa*, Lisboa, Terramar, 1998; Henry Kamen, *Early Modern European Society*, Londres-Nova Iorque, Routledge, 2000. Sobre o conceito de família alargada e seus reflexos no grupo nobiliárquico veja-se Jonathan Dewald, *The European Nobility, 1400-1800*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

25. Voir le tableau III sur le statut des capitaines d'Azemmour.

26. Voir le tableau IV sur le statut des capitaines de Mazagan.

27. Sur la question du poids du groupe familial dans la trajectoire sociale de l'individu voir António Manuel Hespanha, «Carne de uma só Carne. Para uma Compreensão dos Fundamentos Histórico-Antropológicos da Família na Época Moderna», *Análise Social*, vol. XXVIII, n.º 123-124, 1993, pp. 957-958. À propos de la famille à l'Époque moderne voir également les ouvrages suivants : António Manuel Hespanha «A família», in *História de Portugal Moderno, político e institucional*, Lisbonne, Universidade Aberta, 1995, pp. 99-119 ; Nuno G. Monteiro, «Os sistemas familiares», in José Mattoso (dir.), *História de Portugal*, IV vol., António Manuel Hespanha (coord.), *O Antigo Regime (1620-1807)*, Lisbonne, Círculo dos Leitores, 1993, pp. 279-282 ; James Casey, *História da Família*, Lisbonne, Teorema, [1991] ; Jean-Louis Flandrin, *Famílias, parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*, Lisbonne, Editorial Estampa, 1995 ; André Burguière, Christiane Klapisch-Zuber, Martine Segalen, Françoise Zanabend (dir.), *História da Família*, 3º vol., *O Choque das Modernidades: Ásia, África, América, Europa*, Lisbonne, Terramar, 1998 ; Henry Kamen, *Early Modern European Society*, Londres-New-York, Routledge, 2000. Sur le concept de famille élargie et ses effets dans le groupe nobiliaire voir Jonathan Dewald, *The European Nobility, 1400-1800*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

não tinham este tipo de relação Gonçalo Mendes Sacoto e Lançarote de Freitas, que ocuparam o cargo interinamente, assim como João Soares, que teve uma nomeação com um carácter provisório, tendo estado na cidade pouco mais de dois meses. Refira-se que, em 1542, após a sua saída de Azamor, António Leite ascendeu à qualidade de alcaide-mor de Santo António de Arenilha, pelo serviço prestado em Marrocos²⁸. No caso de Mazagão detectaram-se dois capitães em cinco com ligações de parentesco a alcaides-mores: Manuel de Sande e Martim Afonso de Melo²⁹. Não obstante, a família do último tinha um prestígio muito superior. Enquanto em Azamor mais de metade dos capitães tinha conexões com alcaides, em Mazagão a realidade era inversa, comprovando-se mais uma vez que o espectro social dos seus capitães era mais baixo. Os cargos palatinos caracterizavam-se pela grande proximidade em relação ao monarca, sendo que os de maior significado social eram ocupados por grandes figuras do Reino. Daqui redundava que as ligações com os detentores desses cargos permitiam não só dotar os indivíduos de maior capacidade de diálogo com a Coroa, mas representavam também um vínculo com figuras maiores da sociedade. No caso dos capitães, os que tinham ou tiveram parentes com cargos no Palácio teriam mais probabilidades de acesso aos favores régios, o que poderia ser decisivo nas suas carreiras.

Em Azamor cinco dos doze capitães tinham ligações a homens com cargos palatinos. Um deles, D. Álvaro Abranches, foi o próprio mestre-sala de D. Manuel I. Dos cinco capitães que não tinham estas conexões contam-se Pero Mascarenhas, António Leite, João Soares e os dois capitães interinos já mencionados³⁰. No caso de Mazagão, nenhum dos comandantes da praça possuía familiares a servir no Palácio³¹.

Dentro da hierarquia nobiliárquica, a titulação era o culminar do estatuto social. Ter um parente com um título era por si só um factor de engrandecimento. Para além do estatuto intrínseco que este parentesco podia dotar, também proporcionava, tendencialmente, uma grande capacidade de comunicação com o poder régio, uma vez que a titulação pressupunha um grau de grande proximidade com o monarca.

28. Veja-se o quadro V sobre as ligações dos capitães de Azamor a alcaides-mores. Sobre a doação da alcaidaria-mor de Santo António de Arenilha e outras merces régias a António Leite veja-se Rui Henriques «*Quão grande trabalho é viver!*»... cit., pp. 114-115, 121-127.

29. Veja-se o quadro VI sobre as ligações dos capitães de Mazagão a alcaides-mores.

30. Veja-se o quadro VII sobre as ligações dos capitães de Azamor a indivíduos com cargos palatinos.

31. Veja-se o quadro VIII sobre as ligações dos capitães de Mazagão a indivíduos com cargos palatinos.

mandat) sans liens familiaux avec des *alcaides-mores*. Gonçalo Mendes Sacoto et Lançarote de Freitas, qui occupèrent ce poste temporairement, n'eurent pas, eux non plus, ce type de relation, ainsi que João Soares, qui obtint une nomination provisoire et resta dans la ville à peine plus de deux mois. À noter qu'en 1542, après son départ d'Azemmour, António Leite accéda à la qualité d'*alcaide-mor* de Santo António de Arenilha, pour le service prêté au Maroc²⁸.

Dans le cas de Mazagan, deux capitaines sur cinq ont été repérés comme ayant un lien de parenté avec des *alcaides-mores* : Manuel de Sande et Martim Afonso de Melo²⁹. Nonobstant, la famille de ce dernier jouissait d'un prestige bien supérieur. Tandis qu'à Azemmour plus de la moitié des capitaines avaient des connexions avec des *alcaides*, à Mazagan la réalité était inverse, prouvant une fois de plus que le spectre social de ses capitaines était plus bas.

Les fonctions exercées au palais étaient caractérisées par la grande proximité au monarque, celles ayant une plus grande signification sociale étant occupées par de grandes figures du Royaume. Il en résultait dès lors que les liens avec les détenteurs de ces fonctions permettaient non seulement de doter les individus d'une plus grande capacité de dialogue avec la Couronne, mais représentaient aussi un lien avec les plus importantes figures de la société. Dans le cas des capitaines, ceux qui avaient ou avaient eu des parents exerçant des fonctions au palais avaient beaucoup plus de chance d'accéder aux faveurs royales, ce qui pouvait être décisif dans leur carrière.

À Azemmour cinq des douze capitaines avaient des liens avec des hommes exerçant des fonctions au Palais. L'un d'eux, D. Álvaro Abranches, fut même le maître de salle de D. Manuel I. Des cinq capitaines qui n'avaient pas ces liens, on compte Pero Mascarenhas, António Leite, João Soares et les deux capitaines provisoires déjà mentionnés³⁰. Dans le cas de Mazagan, les commandants de la place n'avaient aucun parent servant dans le Palais³¹.

Au sein de la hiérarchie nobiliaire, l'obtention d'un titre était le point culminant du statut social, le fait d'avoir un parent avec un titre était déjà en soi un facteur d'élévation. Outre le statut intrinsèque que ce lien de parenté pouvait fournir, il permettait aussi, tendanciellement, une grande capacité de communication avec le pouvoir royal, vu que l'obtention du

28. Voir le tableau V sur les liens des capitaines d'Azemmour avec des *alcaides-mores*. Sur la donation d'*alcaidaria-mor* de Santo António de Arenilha et d'autres grâces royales à António Leite voir Rui Henriques «*Quão grande trabalho é viver!*»... cit., pp. 114-115, 121-127.

29. Voir le tableau VI sur les liens des capitaines de Mazagan avec des *alcaides-mores*.

30. Voir le tableau VII sur les liens des capitaines d'Azemmour avec des individus exerçant des fonctions au palais.

31. Voir le tableau VIII sur les liens des capitaines de Mazagan avec des individus exerçant des fonctions au palais.

Deste modo, os nobres com títulos ou com parentes titulares poderiam ter vantagens nas suas trajectórias. Em Azamor foram encontrados seis capitães com ligações à nobreza titulada. Um deles, D. Pedro de Sousa, obteve posteriormente o título de conde de Prado, nomeadamente, pelos serviços prestados à Coroa no Norte de África, e um dos seus filhos casou com a filha do barão do Alvito³². No caso de Mazagão nenhum dos capitães possuía ligações directas à nobreza de primeira grandeza, se bem que Martim Afonso de Melo fosse um parente afastado do conde de Tentúgal³³.

Uma parte dos que serviam nas praças portuguesas em Marrocos tinha ligações ao Algarve. Esta ocorrência é também visível entre os capitães de Azamor, oito deles tinham ligações a esse território. António Leite, apesar de ser oriundo de uma família do Porto, também acabou por centrar os seus principais interesses no Algarve, através de doações régias que lhe foram concedidas pelo exercício das suas funções³⁴. Em Mazagão esta ligação não é evidente, pelo contrário, dois capitães aparecem relacionados com outros territórios, um com Santarém e outro com Estremoz, nada se sabendo sobre João Gomes³⁵.

*

Comparando os atributos sociais dos capitães de Mazagão e Azamor constatam-se dois panoramas sociais diferentes. Mazagão foi até ao abandono de Azamor, em 1541, uma fortaleza de segunda ordem, satélite desta última. A sua menoridade reflectia-se no estatuto mais baixo dos seus capitães, em relação aos de Azamor. Como atrás foi sublinhado, a excepção a esta regra foi Martim Afonso de Melo.

Na comparação social entre os capitães de Azamor verificou-se que os indivíduos com a qualidade social mais baixa foram António Leite e os interinos Lançarote de Freitas e Gonçalo Mendes Sacoto. Contudo, as trajectórias destes diferiram, pois Leite e Freitas construíram o seu currículo predominantemente através do exercício administrativo, sem preponderância de feitos militares. Em contrapartida Sacoto evidenciou-

32. Veja-se em anexo o quadro IX sobre as ligações dos capitães de Azamor à nobreza titular. Sobre este indivíduo veja-se também o artigo Alexandra Pelúcia, «A baronia do Alvito e a expansão manuelina no Oriente ou a reacção organizada à política imperialista», in João Paulo Oliveira e Costa e Vítor Luís Gaspar Rodrigues (org.), *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia. Actas do colóquio internacional*, Lisboa, CHAM/IICT, 2004, pp. 279-302.

33. Veja-se, em anexo o quadro X sobre as ligações dos capitães de Mazagão à nobreza titular.

34. Veja-se o quadro XI sobre as ligações dos capitães de Azamor ao Algarve.

35. Veja-se o quadro XII sobre as ligações dos capitães de Mazagão ao Algarve.

titre supposait un degré de grande proximité avec le monarque. De cette façon, les nobles avec des titres ou ayant des parents avec des titres pouvaient avoir des avantages dans leurs parcours.

À Azemmour, d'après nos recherches, six capitaines avaient des liens avec la noblesse titulaire. L'un d'eux, D. Pedro de Sousa, obtint ultérieurement le titre de comte de Prado, en particulier, pour les services rendus à la Couronne en Afrique du Nord, l'un de ses fils ayant épousé la fille du baron d'Alvito³². Dans le cas de Mazagan, les capitaines n'avaient aucun lien direct avec la noblesse de premier plan, quoique Martim Afonso de Melo fût un parent éloigné du comte de Tentúgal³³.

Une partie de ceux qui servaient dans les places portugaises au Maroc avait des liens avec l'Algarve. Cette situation est aussi visible parmi les capitaines d'Azemmour, huit d'entre eux étant liés à ce territoire. Bien qu'issu d'une famille de Porto, António Leite finit lui aussi par centrer ses principaux intérêts en Algarve, à travers des donations royales qui lui furent accordées par l'exercice de ses fonctions³⁴. À Mazagan ce lien n'est pas évident, bien au contraire, deux capitaines apparaissent liés à d'autres territoires, un lié à Santarém et l'autre à Estremoz, nous ne savons rien sur João Gomes³⁵.

*

En comparant les attributs sociaux des capitaines de Mazagan et d'Azemmour, nous constatons deux panoramas sociaux différents. Mazagan fut jusqu'à l'abandon d'Azemmour, en 1541, une forteresse de second ordre, un satellite de cette dernière. Son caractère mineur se reflétait dans le statut inférieur de ses capitaines, par rapport à ceux d'Azemmour. Comme nous l'avons déjà souligné, l'exception à cette règle fut Martim Afonso de Melo.

Dans la comparaison sociale entre les capitaines d'Azemmour on constate que les individus de moindre qualité sociale furent António Leite et les interimaire Lançarote de Freitas et Gonçalo Mendes Sacoto. Néanmoins, les parcours de ceux-ci ont différencié, car Leite et Freitas ont construit leur *curriculum* majori-

32. Voir en annexe le tableau IX sur les liens des capitaines d'Azemmour avec la noblesse titulaire. Sur D. Pedro de Sousa voir également l'article d'Alexandra Pelúcia, «A baronia do Alvito e a expansão manuelina no Oriente ou a reacção organizada à política imperialista», in João Paulo Oliveira e Costa et Vítor Luís Gaspar Rodrigues (org.), *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia. Actas do colóquio internacional*, Lisbonne, CHAM/IICT, 2004, pp. 279-302.

33. Voir en annexe le tableau X sur les liens des capitaines de Mazagan avec la noblesse titulaire.

34. Voir le tableau XI sur les liens des capitaines d'Azemmour avec l'Algarve.

35. Voir le tableau XII sur les liens des capitaines de Mazagan avec l'Algarve.

-se militarmente³⁶. No cotejo destes três percursos, verificou-se que os feitos militares eram certamente vantajosos, tendo sido certamente um dos factores que permitiram que Sacoto ascendesse ao Conselho Régio e ao cargo de adail-mor do Reino³⁷. No entanto, para a presente análise, é mais profícuo o confronto entre os resultados obtidos por Lançarote de Freitas, feitor, e António Leite, que iniciou a sua ascensão como contador. Conclui-se que, enquanto o primeiro estagnou no posto da feitoria, tendo apenas ocupado a capitania interinamente, o segundo logrou ir mais além.

Depois do abandono de Azamor e a construção da cidadela abaluartada de Mazagão, em 1542, esta praça ganhou outra importância, que se reflectiu no estatuto dos capitães nomeados a partir de então. Lembre-se que, nestas condições, António Leite já não teve cabimento como seu capitão, tendo-lhe sido doada, em troca, a alcaidaria de Santo António de Arenilha.

Parece pertinente fazer aqui uma pequena observação sobre a diferença do estatuto social entre os capitães das praças do sul e os das praças do norte de Marrocos. Enquanto a sul predominou uma nobreza média, embora com contactos aos grandes, nas praças do norte foram muito frequentes as capitánias entregues a titulares ou a futuros titulares. Por exemplo, Arzila foi dominada pelos Coutinhos, condes de Borba, e por outros fidalgos que lhe eram próximos. Tânger foi entregue aos Meneses de Tarouca e Ceuta aos Meneses de Viana e marqueses de Vila Real. Em Alcácer Ceguer muitos dos seus governadores pertenciam à Alta Nobreza. Nas praças do norte, quando os capitães não eram titulares, eram pelo menos oriundos de famílias com títulos. A diferença

36. Quando esteve em Azamor, em 1522, Gonçalo Mendes Sacoto dirigiu uma grande entrada contra a Enxovia a duas léguas de Salé, tendo feito um saque de cerca de dois mil camelos, vinte mil cabeças de gado e seiscentos cativos entre os quais uma mulher e dois filhos do xeque (cf. Frei Luís de Sousa, *Anais...* cit., parte I, livro I, capítulo XVI; Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*, Porto, Lello, 1976, capítulo XXXII). Sacoto foi, posteriormente, entre 1533 e 1536, capitão de Tânger, onde também parece ter-se evidenciado militarmente (D. Fernando de Menezes, *História de Tangere que comprehende as noticias desde a sua conquista ate sua ruina*, Lisboa, Officina Ferreiriana, 1732, pp. 63-64).

37. Carta de mercê, de 1 de Julho de 1539, de adail-mor do Reino a Gonçalo Mendes Sacoto, ANTT, *Corpo Cronológico*, II-63-131. Sacoto também fez um bom matrimónio que lhe proporcionou avanços no seu percurso social. Casou com D. Maria de Noronha, filha de D. João de Noronha, filho bastardo de D. Garcia Henriques, vedor da casa da infanta D. Guiomar, mulher do infante D. Fernando, filho de D. Manuel I. Por via materna, D. Maria de Noronha era neta de «João Fernandes de Andrade, de Arco, homem honrado, e rico da Ilha da Madeira» (cf. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Braga, Edição de Carvalhos de Basto, 1992, vol. VI, p. 108; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana (Nobiliário de Famílias de Portugal)*, Porto, Livraria Fernando Machado, 1943-48, tomo I, vol. II, pp 214-217).

tairement à travers l'exercice administratif, sans prépondérance de faits militaires. En contrepartie Sacoto se distingue militairement³⁶. En comparant ces trois parcours, nous avons constaté que les faits militaires étaient certainement avantageux et qu'ils avaient certainement été l'un des facteurs qui permirent l'accès de Sacoto au Conseil royal et à la fonction d'*adail-mor* du Royaume³⁷. Toutefois aux fins de la présente analyse, il est plus utile de confronter les résultats obtenus par Lançarote de Freitas, *feitor*, et par António Leite, qui commença son ascension en tant que *contador*. Nous en concluons que, tandis que le premier stagnait dans le poste de la factorerie, ayant juste occupé la capitainerie temporairement, le second réussit à aller plus loin.

Après l'abandon d'Azemmour et la construction de la citadelle fortifiée de Mazagan, en 1542, cette place gagne une tout autre importance, qui se reflète dans le statut des capitaines nommés depuis lors. N'oublions pas que, dans ces conditions, António Leite n'y avait plus sa place de capitaine, et qu'il avait, en échange, l'*alcaidaria* de Santo António de Arenilha.

Il semble opportun de faire ici un petit commentaire sur la différence du statut social entre les capitaines des places du sud et ceux des places du nord du Maroc. Alors qu'au Sud une noblesse moyenne a prévalu, bien qu'ayant des contacts avec les grands, dans les places du nord les capitaineries furent souvent attribuées à des titulaires ou à de futurs titulaires. Par exemple, Asilah fut dominée par les Coutinhos, le comte de Borba, et par d'autres nobles qui lui étaient proches. Tanger fut attribuée aux Meneses de Tarouca et Ceuta aux Meneses de Viana et aux marquis de Vila Real. À El-Ksar es-Seghir nombre de ses gouverneurs appartenaient à la haute noblesse. Dans les places du nord, quand les capitaines n'étaient pas titulaires ils étaient au moins issus de familles possédant des titres. La différence des profils sociaux des capitaines

36. Lorsqu'il a été à Azemmour, en 1522, Gonçalo Mendes Sacoto commanda une grande incursion contre les Chaouias à deux lieues de Salé, ayant pillé environ deux mille chameaux, vingt mille têtes de bétail et fait six cents captifs parmi lesquels une épouse et deux enfants du Cheikh (cf. Frei Luís de Sousa, *Anais...* cit., partie I, livre I, chapitre XVI; Francisco de Andrade, *Crónica de D. João III*, Porto, Lello, 1976, chapitre XXXII). Sacoto fut par la suite, entre 1533 et 1536, capitaine de Tanger, où il semble s'être également distingué sur le plan militaire (D. Fernando de Menezes, *História de Tangere que comprehende as noticias desde a sua conquista ate sua ruina*, Lisbonne, Officina Ferreiriana, 1732, pp. 63-64).

37. Lettre de grâce, du 1er juillet 1539, de l'*adail-mor* du Royaume à Gonçalo Mendes Sacoto, ANTT, *Corpo Cronológico*, II-63-131. Sacoto fit également un bon mariage qui lui permit de progresser dans son parcours social. Il se maria avec D. Maria de Noronha, fille de D. João de Noronha, fils bâtard de D. Garcia Henriques, *vedor* de la maison de l'Infante D. Guiomar, épouse de l'infant D. Fernando, fils de D. Manuel I. Par sa mère, D. Maria de Noronha était la petite-fille de «João Fernandes de Andrade, d'Arco, homme honorable et riche de l'île de Madère» (cf. *Nobiliário de Famílias de Portugal*, Braga, Edição de Carvalhos de Basto, 1992, vol. VI, p. 108; Cristóvão Alão de Morais, *Pedatura Lusitana (Nobiliário de Famílias de Portugal)*, Porto, Livraria Fernando Machado, 1943-48, tome I, vol. II, pp 214-217).

dos perfis sociais dos capitães de Marrocos explica-se, em parte, pelo ambiente das épocas em que as diversas praças foram conquistadas. No norte as posições portuguesas foram tomadas durante o século XV, até ao reinado de D. Afonso V. Em muitas destas verificou-se a presença do rei ou de elementos pertencentes à família Real e a participação da maioria das grandes casas nobiliárquicas. A título de exemplo, durante o reinado de D. Afonso V, das dezasseis casas senhoriais, só duas não participaram no esforço militar na Berbéria³⁸. No sul, apesar do empenhamento de D. Manuel, as conquistas que se realizaram nos primeiros anos de quinhentos, salvo o caso excepcional de Azamor, que contou com a presença de D. Jaime, duque de Bragança, não tiveram a comparência maciça das famílias maiores de Portugal.

du Maroc s'explique, en partie, par l'ambiance des époques où les diverses places ont été conquises. Dans le Nord, les positions portugaises furent prises au cours du XV^e siècle, jusqu'au règne de D. Afonso V. Dans bon nombre d'entre elles nous avons constaté la présence du roi ou d'éléments appartenant à la famille royale et la participation de la plupart des grandes maisons nobiliaires. Par exemple, pendant le règne de D. Afonso V, des seize maisons seigneuriales, seules deux n'ont pas participé à l'effort militaire en Berbérie³⁸. Dans le Sud, malgré l'engagement de D. Manuel, les conquêtes qui ont eu lieu au cours des premières années de cinq cents, excepté le cas exceptionnel d'Azemmour, qui compta avec la présence de D. Jaime, duc de Bragança, n'eurent pas la compa-
rution massive des plus grandes familles du Portugal.

38. Sobre o assunto veja-se André Teixeira e Teresa Lacerda, «La Noblesse Titulaire et le Nord de l'Afrique», in *La Présence Portugaise au Maroc et les relations actuelles entre les deux pays*, coord. Mohammed Salhi, Rabat, Faculté des Lettres et des Sciences Humaines, Rabat – Université Mohammed V, Agdal, 2009, pp. 23-44; Abel Santos Cruz, *A Nobreza Portuguesa em Marrocos no século XV (1415-1464)*, Porto, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1995.

38. Sur ce sujet voir André Teixeira et Teresa Lacerda, «La Noblesse Titulaire et le Nord de l'Afrique», in *La Présence Portugaise au Maroc et les relations actuelles entre les deux pays*, coord. Mohammed Salhi, Rabat, Faculté des Lettres et des Sciences Humaines, Rabat – Université Mohammed V, Agdal, 2009, pp. 23-44; Abel Santos Cruz, *A Nobreza Portuguesa em Marrocos no século XV (1415-1464)*, Porto, mémoire de master présenté à la Faculdade de Letras de la Universidade do Porto, 1995.

I – Nomeações dos capitães de Azamor (1513-1541) / Nomination des capitaines d'Azemmour (1513-1541)

Nomeação régia	Nome/Nom	Anos no cargo/ Années en charge	Nomination royale
Não se conhece nenhuma carta de nomeação. Foi deixado como capitão da cidade pelo duque de Bragança, o que muito desgostou D. João de Meneses que ficou por capitão do campo. São conhecidas as desavenças entre estes dois capitães.	Rui Barreto	1513-1514?	Aucune lettre de nomination n'est connue. Il y est resté comme capitaine de la ville grâce au duc de Bragança, ce qui déplut fortement à D. João de Meneses, qui y était resté comme capitaine du camp. Les mésententes entre les deux capitaines sont bien connues.
Não se acedeu a documento régio da sua nomeação, no entanto são referidas ordens régias para que substituísse Rui Barreto, algo a que este resistiu ³⁹ . Esteve poucos meses na praça.	João Soares	7/1514-9/1514	Aucun document royal de sa nomination n'a pu être consulté, cependant des ordres royaux pour qu'il remplace Rui Barreto sont mentionnés, mais auxquels il résistera ³⁹ . Ce dernier restera peu de temps dans la place.
«A dom Pedro de Sousa, do Conselho del-rei e Alcaide-mor de Beja, mercê, em dias de sua vida, de Capitão da cidade de Azamor, do reino do Algarve de Africa, com toda a jurisdição e alçada, como tinham os outros capitães dos lugares de além» ⁴⁰ .	D. Pedro de Sousa	1514?-1516	«[À dom Pedro de Sousa, du Conseil du roi et <i>alcaide-mor</i> de Beja, une grâce, de capitaine de la ville d'Azemmour, du Royaume de l'Algarve de l'Afrique pendant les jours de sa vie, avec toute la compétence et le ressort qu'avaient les autres capitaines des endroits d'outre-mer]» ⁴⁰ .
«Simão Correia, fidalgo da Casa Real, que agora vai para capitão da cidade de Azamor, autorização para que possa fazer casas à sua custa, no chão do meio da fortaleza de Azamor e levar por elas um foro justo, alugando-as a cristãos ou a judeus» ⁴¹ .	Simão Correia	1516-1518	«[Simão Correia, <i>fidalg</i> o de la Maison royale, qui part maintenant pour être capitaine de la ville d'Azemmour, autorisation pour qu'il puisse faire des maisons à ses frais, sur le terrain au milieu de la forteresse d'Azemmour, et les louer pour un prix convenable à des chrétiens ou des Juifs]» ⁴¹ .
«A D. Álvaro de Noronha, fidalgo da Casa Real, mercê da capitania e governança da cidade de Azamor e castelo dela, com todo o dinheiro e pão que têm os capitães dos lugares de além» ⁴² .	D. Álvaro de Noronha	1518-1525	«[D. Álvaro de Noronha, <i>fidalg</i> o de la Maison royale, grâce de la capitainerie et de la gouvernance de la ville d'Azemmour et de son château, avec tout l'argent et le pain auxquels ont droit tous les capitaines d'outre-mer]» ⁴² .
Não se conhece nenhuma carta de nomeação.	Gonçalo Mendes Sacoto (interino)	11/1/1522 – 31/3/1522	Aucune lettre de nomination n'est connue.
Não foi encontrada carta na Chancelaria Régia, mas tudo leva a crer que fora nomeado pelo rei.	Jorge Viegas	1525-1529	Aucune lettre n'a été trouvée dans la chancellerie royale, mais tout porte à croire qu'il aurait été nommé par le roi.
Não se conhece carta de nomeação. A primeira carta acedida que escreveu como capitão data de 10/9/1529 ⁴³ .	António Leite	1529-1530	Aucune lettre de nomination n'est connue. La première lettre consultée, qu'il écrivit en tant que capitaine, date de 10/9/1529 ⁴³ .
Não foi encontrada carta na Chancelaria Régia, mas tudo leva a crer que fora nomeado pelo rei.	Pero Mascarenhas	1530-1534	Aucune lettre n'a été trouvée dans la chancellerie royale, mais tout porte à croire qu'il aurait été nommé par le roi.
É apenas conhecida uma carta régia que o nomeava feitor de Azamor, datada de 1514/3/9 ⁴⁴ .	Langarote de Freitas (interino)	1534-1535	On sait seulement qu'une lettre royale, datée du 9 mars 1514 ⁴⁴ , le nommait <i>feitor</i> d'Azemmour.
Não foi encontrada carta na Chancelaria Régia, mas tudo leva a crer que fora nomeado pelo rei.	D. Álvaro Abranches	1535-1537	Aucune lettre n'a été trouvée dans la chancellerie royale, mais tout porte à croire qu'il aurait été nommé par le roi.
O instrumento público de entrega da capitania é de 17/9/1537 ⁴⁵ .	António Leite	1537-1541	L'acte de remise de la capitainerie date du 17 septembre 1537 ⁴⁵ .
Não foi encontrada carta na Chancelaria Régia, mas tudo leva a crer que fora nomeado pelo rei.	D. Fernando de Noronha	1541	Aucune lettre n'a été trouvée dans la chancellerie royale, mais tout porte à croire qu'il aurait été nommé par le roi.

39. Carta de António Leite ao rei, de 27 de Julho de 1514, publ. *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 577-588.

40. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 15, fólio 115v, 1514/6/12.

41. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 25, fólio 159, 1516/12/3.

42. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 10, fólio 452, 1518/12/30.

43. *SIHM, Portugal*, vol. II, parte II, pp. 478-481.

44. Cf. Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos inéditos...» cit., pp. 131-132.

45. ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, livro 59, fólio 70.

39. Lettre d'António Leite au roi, du 27 juillet 1514, publ. dans *SIHM, Portugal*, vol. I, pp. 577-588.

40. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 15, folio 115v, 1514/6/12.

41. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 25, folio 159, 1516/12/3.

42. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 10, folio 452, 1518/12/30.

43. *SIHM, Portugal*, vol. II, parte II, pp. 478-481.

44. Cf. Maria Augusta Lima Cruz Fagundes, «Documentos inéditos...» cit., pp. 131-132.

45. ANTT, *Corpo Cronológico*, parte I, maço 59, nº 70.

II – Nomeações dos capitães de Mazagão (1514-1541) / Nomination des capitaines de Mazagan (1514-1541)

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
«A Martim Afonso de Melo, fidalgo da casa del-rei, mercê da capitania da fortaleza de Mazagão, com a qual haveria, em cada ano, os 1514» ⁴⁶ .	Martim Afonso de Melo	1514-1517	Nommé par lettre royale datée du 10 janvier 1514 ⁴⁶ .
Só foi nomeado, por carta régia, a 20 de Janeiro de 1520 ⁴⁷ .	António Leite	1517-1529	Il ne fut nommé, par lettre royale, que le 20 janvier 1520 ⁴⁷ .
Não se acedeu a carta de nomeação.	Manuel de Sande	1536(?) - 1537(?)	Nous n'avons pas eu accès à la lettre de nomination.
Não se conhece carta de nomeação, mas no instrumento público de entrega da capitania de Azamor de 17/9/1537, é mencionado que era capitão de Mazagão ⁴⁸ .	António Leite	1537(?)	Nous ne connaissons pas de lettre de nomination, mais dans l'acte de remise de la capitainerie d'Azemmour du 17 septembre 1537, il y est mentionné qu'il était capitaine de Mazagan ⁴⁸ .
Não se acedeu a carta de nomeação.	João Gomes	1537(?) - 1541	Nous n'avons pas eu accès à la lettre de nomination.

III – Estatuto dos capitães de Azamor (1513-1541) / Statut des capitaines d'Azemmour (1513-1541)

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Fidalgo da Casa Real; Membro do Conselho do rei ⁴⁹ .	Rui Barreto	1513-1514	<i>Fidalgo</i> de la Maison royale; membre du Conseil du roi ⁴⁹ .
Fidalgo da Casa Real ⁵⁰ .	João Soares	7/1514-9/1514	<i>Fidalgo</i> de la Maison royale ⁵⁰ .
Fidalgo da Casa Real ⁵¹ ; Membro do Conselho do rei ⁵² .	D. Pedro de Sousa	1514-1516	<i>Fidalgo</i> de la Maison royale ⁵¹ ; membre du Conseil du roi ⁵² .
Fidalgo da Casa Real ⁵³ .	Simão Correia	1516-1518	<i>Fidalgo</i> de la Maison royale ⁵³ .
Fidalgo da Casa Real ⁵⁴ ; Membro do Conselho do rei ⁵⁵ .	D. Álvaro de Noronha	1518-1525	<i>Fidalgo</i> de la Maison royale ⁵⁴ ; membre du Conseil du roi ⁵⁵ .

46. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 15, fólho 118.

47. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, *Livro das Ilhas*, fólho 165v; ANTT, *Chancelaria de D. João III*, livro, 37, fólho. 130; ANTT, *Cartas dos Governadores de África*, n.º 339.

48. ANTT, *Corpo Cronológico*, I-59-70.

49. «A Rui Barreto, fidalgo da Casa Real, pertencente ao Conselho Régio e Vedor da Fazenda, mercê da tença anual de seis mil reais». ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 42, fólho 41.

50. Cf. Provisão, de 30 de Abril de 1515, para se pagar a João Soares, fidalgo da Casa Real cinquenta mil reais de tença. ANTT, *Corpo Cronológico*, parte II, livro 56, fólho 195.

51. Cf. Carta de confirmação da doação da vila e lugar de Beringel a D. Pedro de Sousa, fidalgo da Casa Real, feita a 22 de Abril de 1499. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 41, fólho 94v.

52. Cf. Carta de nomeação de D. Pedro de Sousa, do Conselho Real e alcaide-mor da vila de Beja, para capitão de Azamor, feita em Lisboa, a 2 de Junho de 1514. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 15, fólho 155v.

53. Certidão, de 30 de Março de 1509, de Simão Correia, fidalgo da Casa Real, vedor da fazenda de Arzila, por que consta que Afonso Vaz servia na dita vila. ANTT, *Corpo Cronológico*, parte II, livro 16, fólho 160.

54. «Carta régia, de 30 de Dezembro de 1518, a D. Álvaro de Noronha, fidalgo da Casa Real, pela qual recebeu a mercê da capitania e governança da cidade de Azamor e castelo dela, com todo o dinheiro e pão que têm os capitães de lugares de além». ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 10, fólho 452.

55. «Carta régia, de 26 de Abril de 1520, a Nicolau Pinto, criado de D. Álvaro de Noronha, do Conselho do Rei, capitão e governador de Azamor, pela qual lhe foi confirmado o privilégio de cavaleiro, pela apresentação de um alvará de D. Álvaro de Noronha». ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 37, fólho. 86v.

46. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 15, folio 118.

47. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, *Livro das Ilhas*, folio 165v; ANTT, *Chancelaria de D. João III*, livre, 37, folio 130; ANTT, *Cartas dos Governadores de África*, n.º 339.

48. ANTT, *Corpo Cronológico*, I-59-70.

49. «[À Rui Barreto, *fidalg*o de la Maison royale, appartenant au Conseil royal et au *Vedor da Fazenda*, grâce de la pension annuelle de six mille réaux]». ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 42, folio 41.

50. Provisão, du 30 avril 1515, que soient payés à João Soares, *fidalg*o de la Maison royale cinquante mille réaux de subsides. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-56-195.

51. Lettre de confirmation de donation du bourg et du lieu-dit de Beringel à D. Pedro de Sousa, *fidalg*o de la Maison royale, fait le 22 avril 1499. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 41, folio 94v.

52. Lettre de nomination de D. Pedro de Sousa, du Conseil royal et l'*alcaide-mor* de la ville de Beja, comme capitaine d'Azemmour, fait à Lisbonne, le 2 juin 1514. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 15, folio 155v.

53. Certificat, du 30 mars 1509, de Simão Correia, *fidalg*o de la Maison royale, *vedor da fazenda* d'Asilah, car il s'avère qu'Afonso Vaz servait dans ladite ville. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-16-160.

54. «[Lettre royale, du 30 décembre 1518, à D. Álvaro de Noronha, *fidalg*o de la Maison royale, par laquelle il reçut la grâce de la capitainerie et la gouvernance de la ville d'Azemmour et de son château, avec tout l'argent et le pain auxquels ont droit tous les capitaines des endroits d'outre-mer]». ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 10, folio 452.

55. «[Lettre royale, du 26 avril 1520, à Nicolau Pinto, domestique de D. Álvaro de Noronha, du Conseil du roi, capitaine et gouverneur d'Azemmour, par laquelle il lui a été confirmé le privilège de chevalier, sur présentation d'une charte de D. Álvaro de Noronha]». ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 37, folio 86v.

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Cavaleiro da Casa Real (1510) ⁵⁶ ; Fidalgo da Casa Real (1515) ⁵⁷ ; Membro do Conselho do rei (1518) ⁵⁸ .	Gonçalo Mendes Sacoto (interino)	11/1/1522 – 31/3/1522	Chevalier de la Maison royale (1510) ⁵⁶ ; <i>fidalgo</i> de la Maison royale (1515) ⁵⁷ ; membre du Conseil du roi (1518) ⁵⁸ .
Fidalgo? ⁵⁹ .	Jorge Viegas	1525-1529	<i>Fidalgo</i> ? ⁵⁹
Cavaleiro da Casa Real?	António Leite	1529-1530	Chevalier de la Maison royale?
Fidalgo da Casa Real ⁶⁰ .	Pero Mascarenhas	1530-1534	<i>Fidalgo</i> de la Maison royale ⁶⁰ .
Cavaleiro da Casa Real ⁶¹ .	Lançarote de Freitas (interino)	1534-1535	Chevalier de la Maison royale ⁶¹ .
Fidalgo da Casa Real ⁶² ; Membro do Conselho do rei ⁶³ .	D. Álvaro Abranches	1535-1537	<i>Fidalgo</i> de la Maison royale ⁶² ; membre du Conseil du roi ⁶³ .
Fidalgo da Casa Real ⁶⁴ .	António Leite	1537-1541	<i>Fidalgo</i> de la Maison royale ⁶⁴ .
Fidalgo da Casa Real; Membro do Conselho do rei ⁶⁵ .	D. Fernando de Noronha	1541	<i>Fidalgo</i> de la Maison royale ; membre du Conseil du roi ⁶⁵ .

56. Provisão, de 31 de Julho de 1510, para se pagar a Gonçalo Mendes Sacoto, cavaleiro da Casa Real, doze mil reais de tença. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-22-175.

57. Provisão, de 16 de Abril de 1515, para se pagar a Gonçalo Mendes Sacoto, fidalgo da Casa Real, doze mil reais de tença com hábito. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-56-84.

58. António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Coimbra, Atlântida Livraria Editora, 1946-1955, tomo II, 1.ª parte, p. 448.

59. Não foi possível encontrar nenhum documento que definisse concretamente o estatuto social de Jorge Viegas. Contudo, segundo Felgueiras Gaio, este capitão de Azamor casou com D. Isabel da Cunha, filha de Álvaro da Cunha, fronteiro do Algarve e alcaide-mor de Tavira. Deste modo, pode afirmar-se que Jorge Viegas pertencia possivelmente à fidalguia. O mesmo genealogista informa que a sua filha, D. Beatriz da Cunha, casou com João de Sousa, fidalgo da casa do Rei D. João II, embaixador ao rei do Congo. Cf. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. IV, p. 162. O cunhado de Jorge Viegas, Jorge da Cunha, em 1518, era membro do Conselho do rei. Cf. António Caetano de Sousa, *Provas...* cit., tomo II, 1.ª parte, p. 445.

60. Carta régia, de 13 de Maio de 1517, pela qual Pêro Mascarenhas, fidalgo da Casa Real, recebia de tença anual sessenta mil réis. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 10, fólho 61v.

61. Carta régia, de 9 de Março de 1514, pela qual Lançarote de Freitas, cavaleiro da Casa Real, recebeu a mercê de feitor da cidade de Azamor, assim como fora de Miguel Moniz, que falecera. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 15, fólho 178.

62. Provisão, de 14 de Abril de 1524, para se pagar a D. Álvaro de Abranches, fidalgo da Casa Real, cinquenta mil reis de ordenado. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-117-18.

63. António Caetano de Sousa, *História Genealógica...* cit., vol. III, p. 214.

64. Referido como fidalgo da Casa Real no instrumento público de entrega da capitania de Azamor a 17 de Setembro de 1537. Cf. ANTT, *Corpo Cronológico*, I-59-70.

65. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 682.

56. Provision, du 31 juillet 1510, pour que soient payés à Gonçalo Mendes Sacoto, chevalier de la Maison royale, douze mille réaux de subsides. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-22-175.

57. Provision, du 16 avril 1515, pour que soient payés à Gonçalo Mendes Sacoto, *fidalgo* de la Maison royale, douze mille réaux de tributs. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-56-84.

58. António Caetano de Sousa, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Coimbra, Atlântida Livraria Editora, 1946-1955, tome II, 1re partie, p. 448.

59. Il n'a pas été possible de trouver de documents qui puissent définir concrètement le statut social de Jorge Viegas. Toutefois, selon Felgueiras Gaio, ce capitaine d'Azemmour s'est marié avec D. Isabel da Cunha, fille de Álvaro da Cunha, frontalier de l'Algarve et *alcaide-mor* de Tavira. De cette façon, on peut affirmer que Jorge Viegas était probablement *fidalgo*. Ce même généalogiste signale que sa fille, D. Beatriz da Cunha, a épousé João de Sousa, noble de la maison du roi D. João II, ambassadeur auprès du roi du Congo. Cf. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. IV, p. 162. Le beau-frère de Jorge Viegas, Jorge da Cunha, en 1518, était membre du Conseil du roi. Cf. António Caetano de Sousa, *Provas...* cit., tome II, 1^{re} partie, p. 445.

60. Lettre royale, du 13 mai 1517, par laquelle Pêro Mascarenhas, *fidalgo* de la Maison royale, recevait un subside annuel de soixante mille réaux. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 10, folio 61v.

61. Lettre royale, du 9 mars 1514, par laquelle Lançarote de Freitas, chevalier de la Maison royale, a reçu la grâce de *feitor* de la ville d'Azemmour, ainsi que l'avait reçu Miguel Moniz, qui était mort. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 15, folio 178.

62. Provision, du 14 avril 1524, pour que soient payés à D. Álvaro de Abranches, *fidalgo* de la Maison royale, cinquante mille réaux de salaire. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-117-18.

63. Cf. António Caetano de Sousa, *História Genealógica...* cit., vol. III, p. 214.

64. Considéré comme *fidalgo* de la Maison royale dans l'acte de remise de la capitainerie d'Azemmour, le 17 septembre 1537. ANTT *Corpo Cronológico*, I-59-70.

65. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 682.

IV – Estatuto dos capitães de Mazagão (1514-1541) / Statut des capitaines de Mazagan (1514-1541)

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Fidalgo da Casa Real ⁶⁶ ; Membro do Conselho do rei ⁶⁷ .	Martim Afonso de Melo	1514-1517	<i>Fidalgo</i> de la Maison royale ⁶⁶ ; membre du Conseil du roi ⁶⁷ .
Cavaleiro da Casa Real ⁶⁸ .	António Leite	1517-1529	Chevalier de la Maison royale ⁶⁸ .
Cavaleiro da Casa Real ⁶⁹ ; Fidalgo da Casa Real ⁷⁰ .	Manuel de Sande	1536 (?) - 1537 (?)	Chevalier de la Maison royale ⁶⁹ ; <i>fidalgo</i> de la Maison royale ⁷⁰ .
Provavelmente já era fidalgo da Casa Real ⁷¹	António Leite	1537?	Il était déjà probablement <i>fidalgo</i> de la Maison royale ⁷¹
? ⁷²	João Gomes	1537(?) - 1541	? ⁷²

66. Carta régia, de 10 de Agosto de 1510, pela qual Martim Afonso de Melo, fidalgo da Casa Real, recebeu a mercê da capitania da fortaleza de Mazagão, com a qual havia, em cada ano, cento e catorze mil réis em dinheiro. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 15, fólho 118.

67. Cf. António Caetano de Sousa, *Provas...*, op. cit., tomo II, 1.^a parte, p. 443.

68. Cf. Carta de D. Manuel I de 20 de Janeiro de 1520. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I, Livro das Ilhas*, fólho 165v. Na carta de D. João III, feita em Évora, a 10 de Setembro de 1524, confirmando António Leite como capitão de Mazagan, António Leite era ainda referido como cavaleiro da Casa Real; ANTT, *Chancelaria de D. João III*, livro, 37, fólho 130.

69. Carta régia, de 10 de Agosto de 1514, pela qual Manuel de Sande, cavaleiro da Casa Real, recebeu a mercê de contador das obras, terças e resíduos, e de procurador dos hospitais, capelas, albergarias, confrarias e órfãos no almoxarifado de Portalegre e Estremoz, tirando os lugares de Évora Monte, Vimieiro, Cano, Sousel, Fronteira, Avis, Alandroal e Terena, com todos os seus termos, que se juntaram ao almoxarifado de Évora, para que o ofício fosse mais bem servido e com mais diligência; ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 15, fólho 116v. «Carta de quitação, de 11 de Outubro de 1520, de Manuel de Sande, cavaleiro da Casa Real e feitor que foi da cidade de São Jorge da Mina, sobre tudo o que recebeu durante dois anos, quatro meses e 27 dias»; ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livro 35, fólho 127.

70. Segundo Felgueiras Gaio, Manuel de Sande foi fidalgo da Casa Real e alferes-mor da Ordem de Cristo e terá tido um grande morgado em Estremoz (*Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 134). De certa forma, as informações disponibilizadas por este genealogista vão ao encontro do material encontrado na *Chancelaria de D. Manuel I*, uma vez que as duas fontes relacionam Manuel de Sande com Estremoz. Deste modo, pode concluir-se que Manuel de Sande terá, numa fase inicial, pertencido ao grupo dos cavaleiros da Casa Real tendo, em tempo não determinado, ascendido à qualidade de fidalgo.

71. Referido como fidalgo da Casa Real no instrumento público de entrega da capitania de Azamor, a 17 de Setembro de 1537. ANTT, *Corpo Cronológico*, I-59-70.

72. A ausência de informação aponta para um estatuto social baixo. Por outro lado, sabe-se que João Gomes foi o almoxarife que fez um livro de receitas e despesas de Mazagão por volta de 1522, o que reforça a esta hipótese. ANTT, *Conto do Reino e Casa, Núcleo Antigo*, nº 581.

66. Lettre royale du 10 août 1510, par laquelle Martim Afonso de Melo, *fidalgo* de la Maison royale, a reçu la grâce de la capitainerie de la forteresse de Mazagan, pour laquelle il avait, tous les ans, cent quatorze mille réaux en argent. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 15, folio 118.

67. António Caetano de Sousa, *Provas...* cit., tome II, 1.^{re} partie, p. 443.

68. Lettre de D. Manuel I du 20 janvier 1520. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I, Livro das Ilhas*, folio 165 v. Dans la lettre de D. João III, faite à Évora, le 10 septembre 1524, confirmant António Leite comme capitaine de Mazagan, António Leite était également désigné par chevalier de la Maison royale; ANTT, *Chancelaria de D. João III*, livre, 37, folio 130.

69. Lettre royale du 10 août 1514, par laquelle Manuel de Sande, chevalier de la Maison royale, a reçu la grâce de *contador* des ouvrages, des tiers et des résidus, et de procureur des hôpitaux, chapelles, auberges, confréries et orphelins pour ses fonctions d'*almoxarif* de Portalegre et d'Estremoz, excepté Évora Monte, Vimieiro, Cano, Sousel, Fronteira, Avis, Alandroal et Terena, avec toutes ses limites, qui étaient désormais également à charge de l'*almoxarif* d'Évora, pour que le métier soit mieux servi et avec plus de diligence. ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 15, folio 116v. «[Carta de quitação, du 11 octobre 1520, de Manuel de Sande, Chevalier de la Maison royale et ancien *feitor* de la ville de São Jorge da Mina, surtout ce qu'il a reçu pendant deux ans, quatre mois et 27 jours]», ANTT, *Chancelaria de D. Manuel I*, livre 35, folio 127.

70. Selon Felgueiras Gaio, Manuel de Sande a été un *fidalgo* de la Maison royale et *alferes-mor* de l'Ordre du Christ et aurait possédé un important majorat à Estremoz (*Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 134). D'une certaine manière, l'information mise à disposition par ce généalogiste rejoint celle du matériel trouvé à la *Chancelaria de D. Manuel I*, car les deux sources associent le nom de Manuel de Sande à l'Estremoz. De cette façon, on peut conclure que Manuel de Sande aurait, dans une première phase, appartenu au groupe des chevaliers de la Maison royale, étant parvenu par la suite, à un moment non déterminé, à la qualité de chevalier.

71. Désigné comme *fidalgo* de la Maison royale dans l'acte de remise de la capitainerie d'Azemmour, le 17 septembre 1537. ANTT, *Corpo Cronológico*, I-59-70.

72. L'absence d'information indique un bas statut social. D'autre part, on sait que João Gomes était l'*almoxarife* qui a fait un livre sur les recettes et dépenses de Mazagan vers 1522, ce qui renforce cette hypothèse. ANTT, *Conto do Reino e Casa, Núcleo Antigo*, nº 581.

V – Ligações dos capitães de Azamor a alcaides-mores (1513-1541) / Liens des capitaines d'Azem-mour avec des *alcaides-mores* (1513-1541)

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Sim. Rui Barreto foi alcaide-mor de Faro, tal como fora seu pai. O seu avô materno foi alcaide-mor de Serpa e o seu sogro, Manuel de Melo, alcaide-mor de Olivença ⁷³ .	Rui Barreto	1513-1514 [?]	Oui. Rui Barreto a été <i>alcaide-mor</i> de Faro, comme son père. Son grand-père maternel était <i>alcaide-mor</i> de Serpa et son beau-père, Manuel de Melo, <i>alcaide-mor</i> d'Olivença ⁷³ .
Não foi possível construir a árvore genealógica de João Soares.	João Soares	7/1514-9/1514	Il n'a pas été possible de construire l'arbre généalogique de João Soares.
Sim. D. Pedro de Sousa foi alcaide-mor de Beja e de Alcácer. O seu avô materno, Martim Afonso de Melo, foi alcaide-mor de Olivença ⁷⁴ .	D. Pedro de Sousa	1514 [?] -1516	Oui. D. Pedro de Sousa a été <i>alcaide-mor</i> de Beja et d'Alcácer. Son grand-père maternel, Martim Afonso de Melo, a été <i>alcaide-mor</i> d'Olivença ⁷⁴ .
Sim. O seu sogro, Antão Faria, foi alcaide-mor de Portel e Palmela ⁷⁵ .	Simão Correia	1516-1518	Oui. Son beau-père, Antão Faria, a été <i>alcaide-mor</i> de Portel et Palmela ⁷⁵ .
Sim. O seu tio, D. João de Noronha, foi alcaide-mor de Óbidos. O seu irmão, D. Garcia de Noronha, foi alcaide-mor do Cartaxo ⁷⁶ .	D. Álvaro de Noronha	1518-1525	Oui. Son oncle, D. João de Noronha, a été <i>alcaide-mor</i> d'Óbidos. Son frère, D. Garcia de Noronha, a été <i>alcaide-mor</i> du Cartaxo ⁷⁶ .
Não.	Gonçalo Mendes Sacoto (interino)	11/1/1522 – 31/3/1522	Non.
Sim. O seu sogro, Álvaro da Cunha, foi alcaide-mor de Tavira ⁷⁷ .	Jorge Viegas	1525-1529	Oui. Son beau-père, Álvaro da Cunha, a été <i>alcaide-mor</i> de Tavira ⁷⁷ .
Não.	António Leite	1529-1530	Non.
Sim. O seu tio, D. Fernão Martins Mascarenhas, foi alcaide-mor de Montemor-o-Novo e Alcácer do Sal. A sua tia, D. Isabel de Ataíde, casou com Estêvão de Góis, alcaide-mor de Mértola. Outra tia, D. Beatriz de Ataíde, casou com Rui Gomes de Azevedo, alcaide-mor de Alenquer. O seu sogro, Fernão Pereira Barreto, foi alcaide-mor de Faro ⁷⁸ .	Pero Mascarenhas	1530-1534	Oui. Son oncle, D. Fernão Martins Mascarenhas, a été <i>alcaide-mor</i> de Montemor-o-Novo et d'Alcácer do Sal. Sa tante, D. Isabel de Ataíde, s'est mariée avec Estêvão de Góis, <i>alcaide-mor</i> de Mértola. Une autre tante, D. Beatriz de Ataíde, s'est mariée avec Rui Gomes de Azevedo, <i>alcaide-mor</i> d'Alenquer. Son beau-père, Fernão Pereira Barreto, a été <i>alcaide-mor</i> de Faro ⁷⁸ .
Não.	Langarote de Freitas (interino)	1534-1535	Non.
Sim. O seu cunhado, D. Garcia de Eça, casado com a irmã de sua mulher, foi alcaide-mor de Muge ⁷⁹ .	D. Álvaro Abranches	1535-1537	Oui. Son beau-frère, D. Garcia de Eça, marié avec la sœur de sa femme, a été <i>alcaide-mor</i> de Muge ⁷⁹ .
Não.	António Leite	1537-1541	Non.
Sim. O seu tio, D. Garcia de Noronha, foi alcaide-mor do Cartaxo ⁸⁰ .	D. Fernando de Noronha	1541	Oui. Son oncle, D. Garcia de Noronha, a été <i>alcaide-mor</i> du Cartaxo ⁸⁰ .

73. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel I...* cit., parte II, capítulo xlviii e parte IV, capítulo v; Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. II, p. 456.

74. António Caetano de Sousa, *História Genealógica...* cit., tomo XII, parte II, 1947, pp. 125-126.

75. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. V, p. 102.

76. André Pinto de Sousa Dias Teixeira, «Uma linhagem ao serviço da «Ideia Imperial Manuelina»: Os Noronhas e Meneses de Vila Real, em Marrocos e na Índia», in João Paulo Oliveira e Costa e Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Alta Nobreza...* cit., p. 172 (genealogia, n.º 6).

77. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. IV, p. 162.

78. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, pp. 575, 582.

79. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VIII, p. 161.

80. André Pinto de Sousa Dias Teixeira, «Uma linhagem...» cit., p.172 (genealogia, n.º 6).

73. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel I...* cit., partie II, chapitre xlviii et partie IV, chapitre v; Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. II, p. 456.

74. António Caetano de Sousa, *História Genealógica...* cit., tome XII, partie II, 1947, pp. 125-126.

75. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. V, p. 102.

76. André Pinto de Sousa Dias Teixeira, «Uma linhagem ao serviço da "Ideia Imperial Manuelina": Os Noronhas e Meneses de Vila Real, em Marrocos e na Índia», in João Paulo Oliveira e Costa et Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Alta Nobreza...* cit., p. 172 (généalogie, n.º 6).

77. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. IV, p. 162.

78. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, pp. 575, 582.

79. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VIII, p. 161.

80. André Pinto de Sousa Dias Teixeira, «Uma linhagem...» cit., p. 172 (généalogie, n.º 6).

VI – Ligações dos capitães de Mazagão a alcaides-mores (1514-1541) / Liens des capitaines de Mazagan avec des *alcaides-mores* (1514-1541)

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Sim. O seu pai, Jorge de Melo, foi alcaide-mor de Redondo e Pavia ⁸¹ .	Martim Afonso de Melo	1514-1517	Oui. Son père, Jorge de Melo, a été <i>alcaide-mor</i> de Redondo et de Pavia ⁸¹ .
Não.	António Leite	1517-1529	Non.
Sim. Casou, em segundas núpcias, com D. Teresa Juzarte, filha de Gil Fernandes Juzarte, alcaide-mor de Monforte ⁸² .	Manuel de Sande	1536(?) - 1537(?)	Oui. Il s'est marié en secondes noces avec D. Teresa Juzarte, fille de Gil Fernandes Juzarte, <i>alcaide-mor</i> de Monforte ⁸² .
Não.	António Leite	1537?	Non.
Não.	João Gomes	1537(?) - 1541	Non.

VII – Ligações dos capitães de Azamor a indivíduos com cargos palatinos (1513-1541) / Liens des capitaines d'Azemmour avec des individus exerçant des fonctions au palais (1513-1541)

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Sim. A sua filha casou com D. Henrique de Meneses, filho de D. João de Meneses, mordomo-mor de D. João II e 1.º conde de Tarouca ⁸³ .	Rui Barreto	1513-1514?	Oui. Sa fille s'est mariée avec D. Henrique de Meneses, fils de D. João de Meneses, <i>mordomo-mor</i> (<i>fidalgo</i> qui avait à sa charge la gestion du palais et de l'administration civile du territoire) de D. João II et 1er Comte de Tarouca ⁸³ .
Não foi possível construir a árvore genealógica de João Soares.	João Soares	7/1514-9/1514	Il n'a pas été possible de construire l'arbre généalogique de João Soares.
Sim. O seu pai, Rui de Sousa, foi meirinho-mor do príncipe D. João ⁸⁴ .	D. Pedro de Sousa	1514?-1516	Oui. Son père, Rui de Sousa, a été <i>meirinho-mor</i> (grand officier de justice au Portugal) du prince D. João ⁸⁴ .
Não.	Simão Correia	1516-1518	Non.
Sim. O seu tio, D. Pedro de Noronha, foi mordomo-mor de D. João II e um outro seu tio, D. Fernando de Noronha, foi governador da <i>Excelente Senhora</i> ⁸⁵ .	D. Álvaro de Noronha	1518-1525	Oui. Son oncle, D. Pedro de Noronha, a été <i>mordomo-mor</i> de D. João II et un autre de ses oncles, D. Fernando de Noronha, a été gouverneur de l' <i>Excelente Senhora</i> ⁸⁵ .
Não.	Gonçalo Mendes Sacoto (interino)	11/1/1522 – 31/3/1522	Non.
Não.	Jorge Viegas	1525-1529	Non.
Não.	António Leite	1529-1530	Non.
Não.	Pero Mascarenhas	1530-1534	Non.
Não.	Lançarote de Freitas (interino)	1534-1535	Non.

81. João Paulo Oliveira e Costa, «Vasco Fernandes Coutinho, construtor do Estado da Índia e do Brasil», in *D. João III e a formação do Brasil*, Lisboa, CEPCEP, 2004, pp. 167-194. Ronald Bishop Smith, *Martim Afonso de Mello. Captain-Major of the Portuguese fleet which sailed to China in 1522 being the Portuguese text of two unpublished letters of the national archives of Portugal*, Maryland, Decateur Press, 1972.

82. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 134.

83. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. II, p. 456.

84. Carta de confirmação da doação da vila e lugar de Beringel a D. Pedro de Sousa. ANTT, *Chancelaria D. Manuel I*, livro 41, fôlio 94v.

85. André Pinto de Sousa Dias Teixeira, «Uma linhagem...» cit., p. 172 (genealogia, n.º 6).

81. João Paulo Oliveira e Costa, «Vasco Fernandes Coutinho, construtor do Estado da Índia e do Brasil», in *D. João III e a formação do Brasil*, Lisbonne, CEPCEP, 2004, pp. 167-194. Ronald Bishop Smith, *Martim Afonso de Mello. Captain-Major of the Portuguese fleet which sailed to China in 1522 being the Portuguese text of two unpublished letters of the national archives of Portugal*, Maryland, Decateur Press, 1972.

82. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 134.

83. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. II, p. 456.

84. Lettre de la confirmation de la donation du bourg et du lieu-dit de Beringel à D. Pedro de Sousa. ANTT, *Chancelaria D. Manuel I*, livre 41, folio 94v.

85. André Pinto de Sousa Dias Teixeira, «Uma linhagem...» cit., p. 172 (généalogie, n.º 6).

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Sim. O próprio D. Álvaro Abranches foi mestre-sala de D. Manuel I, cargo que terá herdado do seu sogro, Jorge de Melo, o <i>Bochechas</i> ⁸⁶ .	D. Álvaro Abranches	1535-1537	Oui. D. Álvaro Abranches a lui-même été maître de cérémonies de D. Manuel I, une fonction qu'il aurait héritée de son beau-père, Jorge de Melo, le <i>Bochechas</i> ⁸⁶ .
Não.	António Leite	1537-1541	Non.
Sim. O seu sogro, D. Álvaro da Costa, foi camareiro e armeiro-mor de D. Manuel I. A sua mãe, D. Violante Jácome, foi colação do príncipe D. Afonso, filho de D. João II ⁸⁷ .	D. Fernando de Noronha	1541	Oui. Son beau-père, D. Álvaro da Costa, a été chambellan et grand armurier de D. Manuel I. Sa mère, D. Violante Jácome, a été la sœur de lait du prince D. Afonso, fils de D. João II ⁸⁷ .

VIII – Ligações dos capitães de Mazagão a indivíduos c/ cargos palatinos (1514-1541) / Liens des capitaines de Mazagan avec des individus exerçant des fonctions au palais (1514-1541)

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Sim. O próprio Martim Afonso de Melo foi camareiro-mor e guarda-mor do infante D. Duarte ⁸⁸ .	Martim Afonso de Melo	1514-1517	Oui. Martim Afonso de Melo avait été lui-même chambellan en chef et garde général de l'infant D. Duarte ⁸⁸ .
Não.	António Leite	1517-1529	Non.
Não.	Manuel de Sande	1536(?) - 1537(?)	Non.
Não.	António Leite	1537?	Non.
Não.	João Gomes	1537(?) - 1541	Non.

IX – Ligações dos capitães de Azamor à nobreza titular (1513-1541) / Liens des capitaines d'Azemmour avec la noblesse titulaire (1513-1541)

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Sim. A sua filha casou com D. Henrique de Meneses, filho de D. João de Meneses, 1.º conde de Tarouca. O seu filho, Francisco Barreto, casou, a primeira vez, com D. Filipa de Meneses, filha do 1.º conde de Tarouca e, segunda vez, com D. Brites de Ataíde, filha do 2.º conde de Atouguia ⁸⁹ .	Rui Barreto	1513-1514?	Oui. Sa fille s'est mariée avec D. Henrique de Meneses, fils de D. João de Meneses, 1er comte de Tarouca. Son fils, Francisco Barreto, s'est marié en premières noces avec D. Filipa de Meneses, fille du 1er comte de Tarouca et, en deuxième noces, avec D. Brites de Ataíde, fille du 2e comte d'Atouguia ⁸⁹ .
Não foi possível construir a árvore genealógica de João Soares.	João Soares	7/1514-9/1514	Il n'a pas été possible de construire l'arbre généalogique de João Soares.
Sim. O próprio D. Pedro recebeu o título de 1.º conde do Prado, a 1 de Janeiro de 1526 ⁹⁰ . O seu filho, D. Francisco de Sousa, casou com a filha do 2.º barão do Alvito ⁹¹ .	D. Pedro de Sousa	1514?-1516	Oui. D. Pedro lui-même a reçu le titre de 1er comte do Prado, le 1er janvier 1526 ⁹⁰ . Son fils, D. Francisco de Sousa, s'est marié avec la fille du 2e baron d'Alvito ⁹¹ .

86. Anselmo Braamcamp Freire, «A Gente do Cancioneiro», *Revista Lusitana*, vol. X, 1907, p. 272.

87. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, pp. 681-682.

88. João Paulo Oliveira e Costa e Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides...* cit., pp. 38-39.

89. Nuno Vila-Santa, «Barreto, Francisco (1520-1573)», in *Enciclopédia Virtual da Expansão*, em linha a 14 de Março de 2012, <http://www.fcsh.unl.pt/cham/evel/>.

90. António Caetano de Sousa, *História Genealógica...* cit., tomo XII, parte II, 1947, pp. 125-126.

91. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 383, vol. X, p. 542.

86. Anselmo Braamcamp Freire, «A Gente do Cancioneiro», *Revista Lusitana*, vol. X, 1907, p. 272.

87. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, pp. 681-682.

88. João Paulo Oliveira e Costa et Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides...* cit., pp. 38-39.

89. Nuno Vila-Santa, «Barreto, Francisco (1520-1573)», in *Enciclopédia Virtual da Expansão*, en ligne le 14 mars 2012, <http://www.fcsh.unl.pt/cham/evel/>.

90. António Caetano de Sousa, *História Genealógica...* cit., tome XII, partie II, 1947, pp. 125-126.

91. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 383, vol. X, p. 542.

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Não	Simão Correia	1516-1518	Non.
Sim. Através dos casamentos das suas tias, era sobrinho do 1.º marquês de Montemor, do 2.º conde de Abrantes e do 1.º conde de Penamacor ⁹² .	D. Álvaro de Noronha	1518-1525	Oui. À travers les mariages de ses tantes, il était le neveu du 1er marquis de Montemor, du 2 ^e comte d'Abrantes et du 1 ^{er} comte de Penamacor ⁹² .
Não.	Gonçalo Mendes Sacoto (interino)	11/1/1522 – 31/3/1522	Non.
Não.	Jorge Viegas	1525-1529	Non.
Não.	António Leite	1529-1530	Non.
Sim. A sua filha, D. Catarina Barreto, casou com D. João Castelo Branco filho do 1.º conde de Vila Nova de Portimão ⁹³ .	Pero Mascarenhas	1530-1534	Oui. Sa fille, D. Catarina Barreto, s'est mariée avec D. João Castelo Branco fils du 1er comte de Vila Nova de Portimão ⁹³ .
Não.	Lançarote de Freitas (interino)	1534-1535	Non.
Sim. O seu avô, Álvaro Vaz de Almada, foi conde de Abranches, tendo morrido junto do infante D. Pedro, na batalha de Alfarrobeira. O seu tio, D. Fernando de Almada, foi o 2.º conde de Abranches ⁹⁴ .	D. Álvaro Abranches	1535-1537	Oui. Son grand-père, Álvaro Vaz de Almada, a été comte d'Abranches, étant mort conjointement avec l'infant D. Pedro, dans la bataille d'Alfarrobeira. Son oncle, D. Fernando de Almada, a été le 2e comte d'Abranches ⁹⁴ .
Não.	António Leite	1537-1541	Non.
Sim. As suas tias-avós casaram com o 1.º marquês de Montemor, o 2.º conde de Abrantes e o 1.º conde de Penamacor ⁹⁵ .	D. Fernando de Noronha	1541	Oui. Ses grands-tantes se sont mariées au 1 ^{er} marquis de Montemor, au 2 ^e comte d'Abrantes et au 1 ^{er} comte de Penamacor ⁹⁵ .

X – Ligações dos capitães de Mazagão à nobreza titular (1514-1541) / Liens des capitaines de Mazagan avec la noblesse titulaire (1514-1541)

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Não.	Martim Afonso de Melo	1514-1517	Non.
Não.	António Leite	1517-1529	Non.
Não.	Manuel de Sande	1536(?) - 1537(?)	Non.
Não.	António Leite	1537?	Non.
Não.	João Gomes	1537(?) - 1541	Non.

XI – Ligações dos capitães de Azamor ao Algarve (1513-1541) / Liens des capitaines d'Azemmour avec l'Algarve (1513-1541)

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Sim. Rui Barreto foi alcaide-mor de Faro, tal como tinha sido seu pai, Nuno Barreto ⁹⁶ .	Rui Barreto	1513-1514?	Oui. Rui Barreto a été <i>alcaide-mor</i> de Faro, comme l'avait été son père, Nuno Barreto ⁹⁶ .
?	João Soares	7/1514-9/1514	?

92. André Pinto de Sousa Dias Teixeira, «Uma linhagem...» cit., p. 172 (genealogia, n.º 6).

93. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. IV, p. 226; vol. VI, p. 582.

94. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. I, pp. 235, 245.

95. André Pinto de Sousa Dias Teixeira, «Uma linhagem...» cit., p. 172 (genealogia, n.º 6).

96. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel I...* cit., parte II, capítulo xlviij e parte IV, capítulo v; Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. II, p. 456.

92. André Pinto de Sousa Dias Teixeira, «Uma linhagem...» cit., p. 172 (généalogie, n.º 6).

93. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. IV, p. 226; vol. VI, p. 582.

94. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. I, pp. 235, 245.

95. André Pinto de Sousa Dias Teixeira, «Uma linhagem...» cit., p. 172 (généalogie, n.º 6).

96. Damião de Góis, *Crónica de D. Manuel I...* cit., partie II, chapitre xlviij et partie IV, chapitre v; Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. II, p. 456.

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
Sim. O seu pai, Rui de Sousa, foi senhor da vila de Sagres ⁹⁷ .	D. Pedro de Sousa	1514?-1516	Oui. Son père, Rui de Sousa, a été le seigneur de la ville de Sagres ⁹⁷ .
Sim. Fundador do convento de São Francisco, em Portimão ⁹⁸ .	Simão Correia	1516-1518	Oui. Fondateur du couvent de São Francisco, à Portimão ⁹⁸ .
?	D. Álvaro de Noronha	1518-1525	?
?	Gonçalo Mendes Sacoto (interino)	11/1/1522 – 31/3/1522	?
Sim. Desde o século XV, são conhecidas as relações da família Viegas a Tavira. Jorge Viegas casou com D. Isabel da Cunha, filha de Álvaro da Cunha, fronteiro do Algarve e alcaide-mor de Tavira ⁹⁹ .	Jorge Viegas	1525-1529	Oui. Depuis le XVe siècle, les liens de la famille Viegas avec Tavira sont connus. Jorge Viegas s'est marié avec D. Isabel da Cunha, fille d'Álvaro da Cunha, frontalier de l'Algarve et <i>alcaide-mor</i> de Tavira ⁹⁹ .
Sim. Apesar de ser oriundo do Porto, recebeu a mercê de umas casas na vila de Tavira, a terça parte da dízima nova da pesca feita por estrangeiros na «armação e pescaria» de Monte Gordo e, por fim, o senhorio de Santo António de Arenilha, no Algarve.	António Leite	1529-1530	Oui. Bien qu'originaire de Porto, il a reçu quelques maisons dans la ville de Tavira, la tierce partie de la dîme nouvelle de la pêche faite par des étrangers dans la «armação e pescaria» de Monte Gordo et, enfin, la seigneurie de Santo António de l'Arenilha, en Algarve.
Sim. Pero Mascarenhas casou com D. Maria Pereira Barreto, filha de Fernão Pereira Barreto, alcaide-mor de Faro, e sua mulher D. Catarina Sequeira ¹⁰⁰ .	Pero Mascarenhas	1530-1534	Oui. Pero Mascarenhas s'est marié avec D. Maria Pereira Barreto, fille de Fernão Pereira Barreto, <i>alcaide-mor</i> de Faro, et de sa femme D. Catarina Sequeira ¹⁰⁰ .
Sim. É, provavelmente, descendente de um seu homónimo, almoxarife do rei da vila de Lagos e, segundo Zurara, escudeiro que tinha sido «criado de moço na câmara do Infante» ¹⁰¹ . Em 1528, Lançarote de Freitas recebeu 12 mil reis de tença, que tinha como hábito de Cristo, «que antes tinha assentadas nas almadravas do Algarve» ¹⁰² .	Lançarote de Freitas (interino)	1534-1535	Oui. Il est probablement descendant de son homonyme, l' <i>almoxarif</i> du roi de la ville de Lagos et, selon Zurara, il était écuyer et avait été «valet de chambre de l'Infant» ¹⁰¹ . En 1528, Lançarote de Freitas reçut 12 mille réaux de subsides, qu'il avait en tant que chevalier de l'Ordre du Christ, «qui était auparavant établi dans la madrague de l'Algarve» ¹⁰² .
?	D. Álvaro Abranches	1535-1537	?
Sim. Apesar de ser oriundo do Porto, recebeu a mercê de umas casas na vila de Tavira, a terça parte da dízima nova da pesca feita por estrangeiros na «armação e pescaria» de Monte Gordo e, por fim, o senhorio de Santo António de Arnilha, no Algarve	António Leite	1537-1541	Oui. Bien qu'originaire de Porto, il a reçu quelques maisons dans la ville de Tavira, la tierce partie de la dîme nouvelle de la pêche faite par des étrangers dans la «armação e pescaria» de Monte Gordo et, enfin, la seigneurie de Santo António de l'Arenilha, en Algarve.
?	D. Fernando de Noronha	1541	?

97. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. X, p. 541.

98. Padre António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa: e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal*, Braga, Tipografia de Domingos Golçalves Govea, 1869, vol. III, p. 5.

99. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. IV, p. 162.

100. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 582.

101. Paulo Nascimento, «Lançarote», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Caminho, 1994, vol. II, pp. 584-585.

102. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-150-90.

97. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. X, p. 541.

98. Padre António Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa : e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal*, Braga, Typographie de Domingos Golçalves Govea, 1869, vol. III, p. 5.

99. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. IV, p. 162.

100. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 582.

101. Paulo Nascimento, «Lançarote», in *Dicionário de História dos Descobrimentos Portugueses*, Lisbonne, Caminho, 1994, vol. II, pp. 584-585.

102. ANTT, *Corpo Cronológico*, II-150-90.

XII – Ligações dos capitães de Mazagão ao Algarve (1514-1541) / Liens des capitaines de Mazagan avec l'Algarve (1514-1541)

Nomeação régia	Nome / Nom	Anos no cargo / Années en charge	Nomination royale
? Era oriundo de Santarém ¹⁰³ .	Martim Afonso de Melo	1514-1517	? Il était originaire de Santarém ¹⁰³ .
Sim. Apesar de ser oriundo do Porto, recebeu a mercê de umas casas na vila de Tavira, a terça parte da dízima nova da pesca feita por estrangeiros na «armação e pescaria» de Monte Gordo e, por fim, o senhorio de Santo António de Arenilha, no Algarve.	António Leite	1517-1529	Oui. Bien qu'originaire de Porto, il a reçu quelques maisons dans la ville de Tavira, la tierce partie de la dîme nouvelle de la pêche faite par des étrangers dans la «armação e pescaria» de Monte Gordo et, enfin, la seigneurie de Santo António de l'Arenilha, en Algarve.
? Teve «um grande morgado em Estremoz» ¹⁰⁴ .	Manuel de Sande	1536 (?) - 1537 (?)	? Il a eu «[un grand majorat à Estremoz]» ¹⁰⁴ .
Sim. Apesar de ser oriundo do Porto, recebeu a mercê de umas casas na vila de Tavira, a terça parte da dízima nova da pesca feita por estrangeiros na «armação e pescaria» de Monte Gordo e, por fim, o senhorio de Santo António de Arenilha, no Algarve.	António Leite	1537 ?	Oui. Bien qu'originaire de Porto, il a reçu quelques maisons dans la ville de Tavira, la tierce partie de la dîme nouvelle de la pêche faite par des étrangers dans la «armação e pescaria» de Monte Gordo et, enfin, la seigneurie de Santo António de l'Arenilha, en Algarve.
?	João Gomes	1537(?) - 1541	?

103. João Paulo Oliveira e Costa e Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides...* cit., pp. 38-39.

104. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 134.

103. João Paulo Oliveira e Costa et Vítor Luís Gaspar Rodrigues, *A Batalha dos Alcaides...* cit., pp. 38-39.

104. Manuel José da Costa Felgueiras Gaio, *Nobiliário...* cit., vol. VI, p. 134.